



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

ANA BEATRIZ GONÇALVES RIBEIRO

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DA RENÚNCIA DE BENTO XVI: ANÁLISE DO
DISCURSO DOS PORTAIS CARTA CAPITAL E VEJA.**

FORTALEZA

2022

ANA BEATRIZ GONÇALVES RIBEIRO

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DA RENÚNCIA DE BENTO XVI: ANÁLISE DO
DISCURSO DOS PORTAIS CARTA CAPITAL E VEJA.**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Orientador: Prof. Me. Nonato Lima.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R367c Ribeiro, Ana Beatriz Gonçalves.
A cobertura jornalística da renúncia de Bento XVI : análise do discurso dos portais Carta Capital e Veja / Ana Beatriz Gonçalves Ribeiro. – 2022.
83 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Me. Raimundo Nonato de Lima.
1. Bento XVI. 2. Igreja Católica. 3. Renúncia. 4. Análise do Discurso. I. Título.

CDD 070.4

ANA BEATRIZ GONÇALVES RIBEIRO

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DA RENÚNCIA DE BENTO XVI: ANÁLISE DO
DISCURSO DOS PORTAIS CARTA CAPITAL E VEJA.**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Orientador: Prof. Me. Nonato Lima.

Aprovada em: 07/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Nonato Lima (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Cida de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Deus.

Aos meus pais, Solange Gonçalves e Ricardo
Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

Sobretudo, agradeço a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível. Tudo concorre para a honra e glória dele. Agradeço por ter me colocado neste caminho da comunicação, e me dado a oportunidade de ter tido experiência das mais ricas e diversas.

Sou grata a minha família, por sempre ser meu apoio e suporte, acreditando nos meus sonhos e sempre me ensinando que a educação é o melhor caminho. À minha mãe, Solange Gonçalves, e ao meu pai, Ricardo Ribeiro, por serem parceiros nessa jornada e me fazendo enxergar com leveza e dedicação todos as etapas desse processo, e todo minha formação humana. Obrigada por me mostrarem a importância de ser doce perante as dificuldades, e a acreditarem nos meus sonhos, mesmo quando eu não acreditava.

Agradeço também aos amigos que fizeram parte da minha jornada, sobretudo ao meu namorado, Samuel Honório, que diversas vezes escutou minhas queixas e dúvidas com amor, mesmo que não tivesse resposta. Obrigada por toda paciência e suporte.

Gratidão também a aqueles que contribuíram e fizeram parte da minha jornada, aos projetos de extensão que me ensinaram jornalismo na prática, e abriram uma série de oportunidades profissionais e humanas. A todos os professores, que sempre foram inspiração na sua dedicação com o ensino e o aprendizado, observando as necessidades individuais de cada aluno. Uma gratidão ainda mais especial ao professor Nonato Lima, meu professor orientador, que sempre foi solícito nas minhas dúvidas, e guiou todo o processo de construção deste trabalho com muito experiência e responsabilidade, sempre com sugestões certeiras, que me ajudaram a levar todo processo com mais leveza.

“Todos os homens sentem o impulso interior para amar de maneira autêntica: amor e verdade nunca desaparecem de todo neles, porque são a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada homem” (BENTO XVI, 2009, p. 3).

RESUMO

No dia 11 de fevereiro de 2013 aconteceu algo marcante, não somente na história da Igreja Católica, mas na história contemporânea: A renúncia do Papa Bento XVI (Joseph Ratzinger). Assim, o papa alemão foi o primeiro pontífice a renunciar à função em 600 anos, ou seja, o primeiro a tomar a decisão em tempos de internet. Dessa forma, esse trabalho tem por objetivo central analisar as matérias jornalísticas referentes ao momento logo após a renúncia de Bento XVI. Para isso, foram recortadas as três primeiras matérias publicadas nos portais da Carta Capital e da Veja. Observar essas publicações possibilitará uma compreensão das escolhas discursivas dos jornais relacionados a esses eventos, utilizando dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso (ORLANDI, Eni P. 2015). De acordo com a autora, para compreender o discurso é preciso ir além do texto, também deve-se observar o seu contexto sócio-histórico. Desse modo foi realizado, ainda, um estudo sobre a hierarquia da igreja católica e uma breve narração sobre a biografia de Bento XVI. Ao final, conclui-se que os enunciadores jornalísticos e algumas de suas fontes manifestaram uma visão crítica do pontífice emérito, questionando a causa da sua renúncia e seus feitos durante o período do seu pontificado. Também se constatou que a cobertura priorizou atos relacionados à função política e social de Ratzinger, abrindo espaço para questionamentos.

Palavras-chave: Bento XVI, Igreja Católica, Renúncia, Análise do Discurso

ABSTRACT

On February 11, 2013, something remarkable happened, not only in the history of the Catholic Church but in contemporary history: The resignation of Pope Benedict XVI (Joseph Ratzinger). The German pope was the first pontiff to resign from office in 600 years, that is, the first to make the decision in times of the internet. The main objective of this work is to analyze the journalistic articles referring to the moment shortly after the resignation of Benedict XVI. For this, the first three articles published on Carta Capital and Veja portals were cut out. Observing these publications will enable an understanding of the discursive choices of newspapers related to these events, using the theoretical-methodological device of Discourse Analysis (ORLANDI, Eni P. 2015). According to the author, to understand the discourse it is necessary to go beyond the text: one must also observe its socio-historical context. A study on the hierarchy of the Catholic Church was also carried out, and a brief narration of the biography of Benedict XVI was presented. In the end, we conclude that journalistic enunciators and some of their sources expressed a critical view of the emeritus pontiff, questioning the cause of his resignation and his achievements during the period of his pontificate. It was also found that coverage prioritized acts related to Ratzinger's political and social role, opening up space for questioning.

Keywords: Benedict XVI, Catholic Church, Renunciation, Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Joseph Ratzinger - Papa Bento XVI	24
Figura 2: Veja - Matéria 1 – Título	33
Figura 3: Veja - Matéria 1 – Primeiro parágrafo	34
Figura 4: Veja - Matéria 1 – Segundo, terceiro e quarto parágrafo	35
Figura 5: Veja - Matéria 1 – Quinto e sexto parágrafo	36
Figura 6: Veja - Matéria 1 – Sétimo e oitavo parágrafo	37
Figura 7: Veja - Matéria 1 – Nono, décimo e décimo primeiro parágrafo	38
Figura 8: Veja - Matéria 1 – Décimo segundo, décimo terceiro e décimo quarto parágrafo	39
Figura 9: Veja - Matéria 1 – Décimo quinto parágrafo	40
Figura 10: Carta Capital - Matéria 1 – Título	41
Figura 11: Carta Capital - Matéria 1 – Primeiro e segundo parágrafo	41
Figura 12: Carta Capital - Matéria 1 – Terceiro e quarto parágrafo	42
Figura 13: Carta Capital - Matéria 1 – Quinto parágrafo	43
Figura 14: Carta Capital - Matéria 1 – Sexto, sétimo, oitavo e nono parágrafo	43
Figura 15: Veja - Matéria 2 – Título	44
Figura 16: Veja - Matéria 1 – Primeiro parágrafo	44
Figura 17: Veja - Matéria 2 – Carta de renúncia	46
Figura 18: Carta Capital - Matéria 2 – Título	47
Figura 19: Carta Capital - Matéria 2 – Primeiro e segundo parágrafo	48
Figura 20: Carta Capital - Matéria 2 – Terceiro e quarto parágrafo	49
Figura 21: Carta Capital - Matéria 2 – Quinto parágrafo	50
Figura 22: Carta Capital - Matéria 2 – Sexto e sétimo parágrafo	51
Figura 23: Veja - Matéria 3 – Título	52
Figura 24: Veja - Matéria 3 – Primeiro e segundo parágrafo	53
Figura 25: Veja - Matéria 3 – Terceiro, quarto e quinto parágrafo	53
Figura 26: Veja - Matéria 3 – Sexto e sétimo parágrafo	54
Figura 27: Carta Capital - Matéria 3 – Título	55
Figura 28: Carta Capital - Matéria 3 – Primeiro e segundo parágrafo.....	55
Figura 29: Carta Capital - Matéria 3 – Terceiro, quarto e quinto parágrafo	56
Figura 30: Carta Capital - Matéria 3 – Sexto, sétimo e oitavo parágrafo.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Veja: Renúncia	28
Quadro 2 - Carta Capital: Renúncia	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT	Atos dos apóstolos
Can.	Cânnon
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDC	Direito canônico na Igreja Católica
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COMPÓS	Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
CVII	Concílio Vaticano II
Lc	Evangelho de são Lucas

LISTA DE SÍMBOLOS

§ Parágrafo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O PAPA E A IGREJA	17
2.1 Atribuições do papa	18
2.2 Hierarquia da Igreja Católica	19
2.2.1 <i>Conclave: a eleição de um papa</i>	20
2.2.2 <i>Renúncia de um papa</i>	20
2.3 Bento XVI: de professor a papa	21
3 A RENÚNCIA PAPAL E SUA REPERCUSSÃO EM PESQUISAS ACADÊMICAS E NA COBERTURA JORNALÍSTICAS	25
3.1.1 <i>Como o assunto é tratado nos trabalhos acadêmicos</i>	25
3.1.2 <i>Análise quantitativa da cobertura jornalística da renúncia</i>	27
3.1.3 <i>Metodologia de busca</i>	28
3.1.3.1 <i>Renúncia: 11 de fevereiro de 2013 a 28 de fevereiro de 2013</i>	28
3.1.3.1.1 <i>Veja</i>	28
3.1.3.1.2 <i>Carta Capital</i>	29
4 ANÁLISE DO DISCURSO DE VEJA E CARTA CAPITAL	31
4.1 Teoria e Metodologia	31
4.2 A primeira matéria da Veja e da Carta Capital	33
4.2.1 <i>Veja: “Autoridades internacionais comentam a renúncia do papa”</i>	33
4.2.2 <i>Carta Capital: “Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro”</i>	41
4.3 A segunda matéria da Veja e da Carta Capital	44
4.3.1 <i>Veja: “Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia”</i>	44
4.3.1.1 <i>A Carta de Bento XVI</i>	45
4.3.2 <i>Carta Capital: “Se não está fácil para o papa...”</i>	47
4.4 A terceira matéria da Veja e da Carta Capital	52
4.4.1 <i>Veja: “Conheça outros papas que renunciaram antes de Bento XVI”</i>	52
4.4.2 <i>Carta Capital: “Bento XVI nunca foi o papa da mudança”</i>	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62
ANEXO A – Pesquisa da palavra-chave “Bento XVI” no portal do Catálogo de Teses e Dissertações	65

ANEXO B – Pesquisa da palavra-chave “Bento XVI” no portal da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações	66
ANEXO C – Pesquisa da palavra-chave “Bento XVI” e “renúncia” no Google acadêmico	66
ANEXO D – Veja: Autoridades internacionais comentam a renúncia do papa	68
ANEXO E – Veja: Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia	71
ANEXO F – Veja: Conheça outros papas que renunciaram antes de Bento XVI	73
ANEXO G – Carta Capital: Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro	75
ANEXO H – Carta Capital: Se não está fácil para o papa...	76
ANEXO I – Carta Capital: Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro	78
ANEXO J – Veja: Tabulação das matérias publicadas no período de sede vacante (28 de fevereiro de 2013 até 12 de março de 2013)	80
ANEXO K – Carta Capital: Tabulação das matérias publicadas no período de sede vacante (28 de fevereiro de 2013 até 12 de março de 2013)	80
ANEXO L – Veja: Tabulação das matérias publicadas no período entre a eleição e entronização do Papa Francisco (13 de março de 2013 a 19 de março de 2013)	81
ANEXO M – Carta Capital: Tabulação das matérias publicadas no período entre a eleição e entronização do Papa Francisco (13 de março de 2013 a 19 de março de 2013)	82

1 INTRODUÇÃO

Na história contemporânea da Igreja Católica, poucos momentos são tão marcantes quanto a renúncia do Papa Bento XVI. Assumindo a função após um dos pontificados mais longos da história, o de João Paulo II, o papa alemão de temperamento reflexivo e recluso teve que enfrentar os fantasmas das comparações com o polonês, bem como o da sua própria história pessoal.

O seu pontificado de oito anos foi alvo de polêmicas, com escândalos sexuais por parte de integrantes do clero que exigiam providências imediatas da Igreja. No meio dessas polêmicas estava um papa teólogo, professor de universidade, que havia sido o cardeal mais próximo de João Paulo II. Bento XVI não sucedeu somente um papa, mas um amigo. Com saúde debilitada, desde o início do seu pontificado tinha dificuldades em viagens muito longas e cumprir demais deveres exigidos pela função. Sendo a saúde o motivo para sua renúncia, em 11 de fevereiro de 2013, é o que escreveu na sua carta de renúncia:

No mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado. (BENTO XVI, 2013)

A notícia surpreendeu não somente os católicos, mas o mundo, afinal Bento XVI foi o primeiro papa a renunciar às funções em 600 anos, e o primeiro a fazer a escolha por motivações de saúde. Em contrapartida surgiram especulações na mídia: Teria o papa renunciado por falta de força em lidar com os questionamentos da modernidade?

Eram muitas as especulações midiáticas que procuravam uma motivação oculta, não se conformando com aquela descrita pelo papa. Dessa forma, esse trabalho busca analisar a cobertura da mídia sobre a renúncia do Papa Bento XVI, definindo como recorte as três primeiras notícias publicadas no portal da Veja e da Carta Capital. Estes dois veículos foram escolhidos no intuito de compreender como suas diferentes linhas editoriais se posicionaram na cobertura do acontecimento.

Para investigar as linhas narrativas que guiam as estruturas das matérias, foi utilizada a teoria de Análise do Discurso de Eni P. Orlandi (2015, p. 15), no qual a autora defende que o

discurso é o lugar em que a língua é interpelada pela ideologia. Assim, buscamos compreender o trabalho simbólico da língua e como o discurso jornalístico enunciou e significou o fato ocorrido.

Para isso, é necessário aprofundar o conhecimento do objeto, tanto na compreensão da estrutura da Igreja Católica quanto na própria biografia e personalidade de Joseph Ratzinger (Bento XVI). Essa etapa é fundamental pois, como explica Eni P. Orlandi “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na sua relação com a exterioridade, nas condições em que são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos” (ORLANDI, 2015, p.28).

Dessa forma, dedicamos um capítulo deste trabalho para uma definição introdutória sobre a relação histórica do papa na igreja, bem como a função do pontificado, as hierarquias da Igreja Católica, como ocorre a escolha de um papa e sua renúncia. Também dedicamos um capítulo para uma exposição sobre a biografia de Joseph Ratzinger (Bento XVI), e os principais desafios que enfrentou em seus oito anos de pontificado, uma vez que este tem relação direta com as escolhas que guiaram a cobertura midiática

Com o intuito de favorecer os estudos sobre este acontecimento histórico, e compreender as carências no meio acadêmico, realizamos também uma pesquisa sobre a Igreja e a Mídia, com um estado da arte sobre os artigos, teses e dissertações publicados, de 2013 a 2022, sobre a renúncia de Bento XVI. Para isso, buscamos por palavras-chave pré-selecionadas nos portais do Catálogo de Teses e Dissertações, da Compós, da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações, do Google Acadêmico e da Capes. Também nesta parte foi feita uma análise quantitativa das publicações feitas na Veja e na Carta Capital em matérias referentes a renúncia (publicadas em 11 de fevereiro de 2013 a 28 de fevereiro de 2013).

Embora tenham se passado nove anos da renúncia de Bento XVI, ainda são poucos os estudos sobre o fato. Marcante não somente na história da Igreja Católica, o acontecimento também projeta luz sobre a relação do indivíduo moderno com a religiosidade, como este compreende as posições de autoridade e hierarquia em questões religiosas e o papel desse líder religioso e chefe do Estado do Vaticano na atualidade.

Tendo filtrado as notícias, conforme os objetivos deste trabalho, recortamos as três primeiras publicadas na Veja e na Carta Capital, observando como os portais, em suas distintas políticas editoriais, se comportaram no momento imediato ao acontecimento.

A análise do discurso desses meios de comunicação a respeito dessa temática também abre oportunidades de estudo sobre abordagens da religião e as escolhas subjetivas que os veículos jornalísticos exercem para a divulgação desses acontecimentos, inclusive na internet, tendo em vista as próprias posições ideológicas. Com este trabalho, queremos promover uma reflexão sobre o tema, bem como favorecer que outras pesquisas sejam feitas levando em consideração também uma análise do período de sede vacante e o período histórico do Papa Francisco.

2 O PAPA E A IGREJA

Desde o início da história da Igreja Católica, as ideias de hierarquia e liderança sempre estiveram presentes. Na tradição católica, o conceito de herança e tradição também é diversas vezes lembrado na pessoa do Papa, tendo início em Pedro e estando vivo até a contemporaneidade, em Francisco.

De acordo com a tradição católica, a autoridade de São Pedro é reconhecida de forma evidente entre os apóstolos, como mostra sua participação no primeiro concílio registrado na Bíblia, o Concílio Apostólico em Jerusalém, que foi um encontro entre os apóstolos que teve por objetivo discutir se os costumes judaicos, no caso, a circuncisão, iriam continuar sendo exigidos para os recém-convertidos como instrumento de purificação. Neste momento, a palavra de Pedro é imponente e resoluta:

"7.Ao fim de uma grande discussão, Pedro levantou-se e lhes disse: "Irmãos, vós sabeis que já há muito tempo Deus me escolheu dentre vós, para que da minha boca os pagãos ouvissem a palavra do Evangelho e cressem. 8.Ora, Deus, que conhece os corações, testemunhou a seu respeito, dando-lhes o Espírito Santo, da mesma forma que a nós. 9.Nem fez distinção alguma entre nós e eles, purificando pela fé os seus corações. 10.Por que, pois, provocais agora a Deus, impondo aos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? 11.Nós cremos que pela graça do Senhor Jesus seremos salvos, exatamente como eles". (At 15, 7-11)

Tal primazia de Pedro na história do Papado, foi confirmada pelo Papa Leão Magno, no Concílio Calcedônia (451 d.c), no qual, dentre outras pautas, defendeu o primado da sé de Pedro, e, de maneira mais direta no Concílio Vaticano I, convocado por Papa Pio IX, em 1870:

1822. Ensinamos, pois, e declaramos, segundo o testemunho do Evangelho, que Jesus Cristo prometeu e conferiu imediata e diretamente o primado de jurisdição sobre toda a Igreja ao Apóstolo S. Pedro. Com efeito, só a Simão Pedro, a quem antes dissera: Chamar-te-ás Cefas [Jo 1,42], depois de ter ele feito a sua profissão com as palavras: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo, foi que o Senhor se dirigiu com estas solenes palavras: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque nem a carne nem o sangue to revelaram, mas sim meu Pai que está nos céus. E eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E dar-te-ei as chaves do reino dos céus. E tudo o que ligares sobre a terra será ligado também nos céus; e tudo o que desligares sobre a terra será desligado também nos céus [Mt 16,16 ss]. E somente a Simão Pedro conferiu Jesus, após a sua ressurreição, a jurisdição de pastor e chefe supremo de todo o seu rebanho, dizendo: Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas [Jo 21,15 ss.]. A esta doutrina tão clara das Sagradas Escrituras, tal como sempre foi entendida pela Igreja Católica, opõe-se abertamente as sentenças perversas daqueles que, desnaturando a forma de governo estabelecida na Igreja por Cristo Nosso Senhor, negam que só Pedro foi agraciado com o verdadeiro e próprio primado de jurisdição, com exclusão dos demais Apóstolos, quer tomados singularmente, quer

em conjunto. Igualmente se opõem a esta doutrina os que afirmam que o mesmo primado não foi imediata e diretamente confiado a S. Pedro mesmo, mas à Igreja, e por meio desta a ele, como ministro dela. (GNERRE,1985,p.4)

Na igreja primitiva, e na tradição, a voz do Papa sempre teve valor para a unidade entre os católicos, porém, foi somente neste concílio que sua soberania e importância foi formalizada, ao proclamar o dogma da Infalibilidade Papal, que diz:

1839. Por isso nós, apegando-nos à Tradição recebida desde o início da fé cristã, para a glória de Deus, nosso Salvador, para exaltação da religião católica, e para a salvação dos povos cristãos, com a aprovação do Sagrado Concílio, ensinamos e definimos como dogma divinamente revelado que o Romano Pontífice, quando fala *ex cathedra*, isto é, quando, no desempenho do ministério de pastor e doutor de todos os cristãos, define com sua suprema autoridade apostólica alguma doutrina referente à fé e à moral para toda a Igreja, em virtude da assistência divina prometida a ele na pessoa de São Pedro, goza daquela infalibilidade com a qual Cristo quis munir a sua Igreja quando define alguma doutrina sobre a fé e a moral; e que, portanto, tais declarações do Romano Pontífice são por si mesmas, e não apenas em virtude do consenso da Igreja, irreformáveis. (Concílio Vaticano I, can 1839)

Para a igreja católica, um dogma é uma verdade de fé, ou seja, um ponto fundamental da sua doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível. Ao proclamar que o papa é infalível quando fala *ex cathedra* (a cadeira papal, utilizada em momentos específicos, e que representa o seu magistério) o concílio afirma que, sobre ela, nenhum papa erra ou já errou em assuntos relacionados à fé e a moral. Dessa forma, tal posição de autoridade conserva-se na igreja até a atualidade.

2.1 Atribuições do papa

O papa ocupa uma posição central na igreja católica, e a sua diocese ganha um nome diferente, podendo ser chamada, dentre outras nomenclaturas, de "Santa Sé", "Sé Apostólica" ou "Cúria Romana". A cúria é a "corte papal", que inclui nove congregações, compostas por tribunais, judiciários e ofícios, que administram os bens do Vaticano. (CLEOFAS, 2015).

Além de orientar e validar as funções administrativas da cúria, o papa tem a missão religiosa de orientar a fé dos fiéis, prescrevendo credos, dogmas, e encíclicas papais (um documento escrito pelo próprio papa). O sumo pontífice possui, ainda, uma autoridade política, visto que este é chefe de Estado da Cidade do Vaticano, cidade-estado localizada em Roma.

2.2 Hierarquia da Igreja Católica

Na constituição hierárquica da igreja católica, existe uma distinção entre leigos e vida consagrada. Tal divisão condiz com a atuação destes no mundo, e sua responsabilidade e missão mediante a fé. Essa diferença é explicada no Catecismo da Igreja Católica:

Cristo confiou aos Apóstolos e aos seus sucessores o encargo de ensinar, santificar e governar em seu nome e pelo seu poder. Mas os leigos, feitos participantes do *múnus* sacerdotal, profético e real de Cristo, assumem na Igreja e no mundo a parte que lhes toca naquilo que é a missão de todo o povo de Deus. (CIC 873, 2010, p. 251)

Sendo assim, estes têm diferentes responsabilidades e autoridades perante o magistério da igreja. Para a tradição católica, assim como Cristo instituiu Pedro o primeiro Papa, também fez dos seus demais apóstolos os primeiros bispos (CIC 880, 2010, p.253). Além disso, aquele que é eleito Papa exerce a função de bispo de Roma, tendo mais autoridade que os demais por ser reconhecido como sucessor direto de Pedro e "em virtude do seu cargo de vigário de Cristo e pastor de toda a Igreja, o pontífice romano tem sobre a mesma Igreja um poder pleno, supremo e universal" (CIC 882, 2010, p.253). Também é reservado a este a função de convocar concílios.

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, os bispos têm como ofício: Ensinar (anunciar o Evangelho aos homens), santificar (dispensar o sumo sacerdócio) e governar (coordenando as igrejas e seus vigários). Dentre a função de santificação está incluso dever de realizar o sacramento da ordem, ou seja, promover novos padres, que são chamados de presbíteros (CIC, 2010, 893-896 p.256-257). O Código do Direito Canônico também conceitua que todo bispo é um padre que foi nomeado pelo Papa para exercer esse magistério (CDC, Cân 377).

Outra função fundamental é a de Cardeal. Esse magistério é ocupado por, no máximo, 120 bispos que fazem parte do conselho do Sumo Pontífice. O Código do Direito Canônico também explica que os cardeais têm como principais finalidades auxiliar o romano pontífice e ser um colégio eleitoral para eleger o novo papa. (CDC, Cân 349).

2.2.1 Conclave: a eleição de um papa

Enquanto um papa não é eleito, a igreja católica vive um momento extraordinário, chamado vacância, ou sede Vacante. Ao longo dos séculos os santos padres (como também o papa é chamado) buscaram formas específicas de estabelecer normas para a eleição do seu sucessor, que correspondem às exigências daquele preciso momento histórico. É isto que explica o documento *Universi Dominici Gregis*, mais recente constituição apostólica que trata das normas para a eleição do próximo papa.

Os cardeais votam de forma secreta, individual e por escrito, duas vezes na parte da manhã e duas vezes na parte da tarde. Após cada votação, os votos são contabilizados e, caso haja 2/3 dos votos favoráveis ao mesmo membro, este é eleito o papa. Quando não há 2/3 dos votos, se recolhem todos os votos e as anotações e as queimam em uma fumaça preta, que pode ser vista pela população. Já quando há concordância de 2/3 dos votos, o material é queimado em uma fumaça branca, para que a população também acompanhe. A fumaça é colocada após duas votações, dessa forma, de manhã ela é feita uma vez, e a tarde novamente. Um novo conclave é realizado somente após a morte ou renúncia do papa. (JOÃO PAULO II, 1996, Cân 62-77).

2.2.2 Renúncia de um papa

O Código do Direito Canônico prevê que o sumo pontífice pode renunciar ao cargo livremente, ao contrário dos bispos e cardeais, que precisam ter sua renúncia aceita pelo papa: “Se acontecer que o Romano Pontífice renuncie ao cargo, para a validade requer-se que a renúncia seja feita livremente, e devidamente manifestada, mas não que seja aceite por alguém” (CDC, Cân 332 § 2).

Um bispo, ao perder o ofício por limite de idade ou por renúncia, passa a receber o título de emérito (CDC, Cân 185). Antes da renúncia de Bento XIV, o papa que decidia abdicar da função era chamado de Bispo Emérito de Roma, porém, após sua renúncia, o

vaticano criou o título de Papa Emérito. Desta forma, não é possível deixar de ser papa, e naquele espaço de tempo a função passa a ter nomeadamente dois papas: o que será eleito no novo conclave, e o emérito.

Aquele que assume a condição de santo padre emérito não participa mais das obrigações referentes ao papa. O Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos especifica que, ao receber o título de emérito, o bispo tem que ter zelo para não interferir na condução do seu sucessor, permanece no direito de pregar a palavra de Deus e dispersar sacramentos, além de ter o direito de residir onde desejar, inclusive, na mesma diocese em que estava (Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos, Cân 226 - 230).

Até o momento, na história da igreja, 22 papas renunciaram. Porém, a última renúncia, de Bento XVI, em 2013, foi a primeira em 600 anos e marcou uma novidade na história, pois, as renúncias anteriores haviam sido realizadas por motivos políticos, ao contrário da última, que foi motivada por questões de saúde, conforme expressa a mensagem de Bento XVI.

2.3 Bento XVI: de professor a papa

Joseph Aloisius Ratzinger nasceu em 16 de abril de 1927, em uma pequena vila na Baviera, Alemanha. Criado em uma família católica, desde pequeno apresentava um temperamento reflexivo e introvertido. É o que descreve o próprio papa Emérito no livro "Bento XVI: O último testamento em suas próprias palavras", descrição de uma entrevista concedida ao jornalista Peter Seewald em que Joseph Ratzinger responde questionamentos sobre sua vida, acontecimentos do pontificado, e obras.

Na infância, o 265º papa da igreja católica cresceu com mais dois irmãos em uma vila simples da Alemanha, porém, nem por isso deixou de sofrer os males do regime de Hitler e da II Guerra Mundial. Durante sua juventude, precisou cumprir o serviço militar obrigatório. Na convocação, Joseph Ratzinger ficou a maior parte do tempo em atividades relacionadas à escavação do fronte de batalha, não se envolvendo em operações militares. Até que em 1945 deserta de suas funções, correndo o risco de morte, e volta para casa. (SEEWALD, 2017, p. 91). Para a sociedade na época, sair dessa forma da guerra era visto como causa de vergonha, porém, o papa emérito recorda que foi recebido com alegria, afinal, sua família inteira se

declarava antifascista, e o contra Adolf Hitler. (SEEWALD, 2017, p. 89).

Em 1945, Joseph Aloisius Ratzinger entra para a faculdade de filosofia, e se torna sacerdote em 1951. Esses passos viriam a marcar toda a sua história, pois, logo cedo, Ratzinger sentiu a vontade de se aprofundar na vida acadêmica, e começou rapidamente a lecionar e a dar palestras em diversas universidades, se tornando doutor em teologia em 1953. Para o papa emérito, uma função era necessária para a outra: “Nunca fui apenas professor. Um padre não pode ser apenas professor. Se for apenas isso, algo está faltando. A missão sacerdotal inclui também o empenho pastoral, a liturgia, os diálogos com o povo”. (SEEWALD, 2017, p. 228).

Em 1977, Joseph Ratzinger é nomeado bispo de Munique. Para o Papa Emérito, essa foi a grande ruptura da sua vida, pois teria que deixar o sonho da docência (SEEWALD, 2017, p. 195). No mesmo ano é nomeado cardeal, e, em seguida, recebe uma das suas maiores responsabilidades, quando o então papa João Paulo II, o nomeou para prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, uma das maiores funções e responsabilidades da igreja depois do papado.

Neste cargo, Ratzinger realizou diversos avanços como participar da comissão que escreveu a última versão do Catecismo da Igreja Católica, tornando a doutrina mais acessível, e aprimorar o Código do Direito Canônico, sobretudo nos aspectos referentes aos crimes relacionados a pedofilia por parte de integrantes clero, tornando o processo mais rápido, a punição mais direta, e dando maior ênfase ao sigilo das vítimas (SEEWALD, 2017, p. 261).

Em 1986, após terminar o seu mandato, Joseph Ratzinger apresenta pela primeira vez sua renúncia ao papa, que não aceita. Em 1991, pediu novamente, pois havia tido hemorragia cerebral e estava com um estado de saúde debilitado, porém o seu pedido foi novamente negado. Ratzinger chegou a pedir três vezes a renúncia, porém esta não o foi concedida, pois o papa o considerava um auxiliar imprescindível em sua missão à frente da igreja.

Ratzinger e João Paulo II tinham uma estreita relação de confiança. "Graças a ele aprendi a pensar de maneira mais ampla, precisamente também na dimensão do diálogo religioso. Trabalhamos juntos, trocamos ideias, sobretudo nas encíclicas morais e no catecismo." (SEEWALD, 2017, p.211), relembra o próprio Bento XVI. Até que, em 2 de abril

de 2005, faleceu Karol Wojtyła, João Paulo II, aos 84 anos, após um pontificado de 26 anos, um dos mais longos da história. O cardeal Joseph Ratzinger preside a missa de sua morte.

Nos dias seguintes, tem início o conclave: a eleição de um novo papa. Após 26 horas do início, na quarta votação, os cardeais chegam a um nome majoritário: Joseph Ratzinger é eleito o 265º papa da igreja católica. O primeiro papa alemão em quase 500 anos escolheu homenagear São Bento, em seu nome de pontífice.

Na entrevista para Peter Seewald, o Papa Emérito conta que não esperava ser eleito, pois estava com 78 anos, e os bispos se aposentam com 75 anos (SEEWALD, 2017, p. 217). Dessa forma, esperava que seu pontificado não fosse longo. Isso também influenciou seu governo:

Eu não podia abordar nada que fosse de longo prazo. Algo assim deve ser feito quando se tem tempo pela frente. Eu tinha a consciência de que minha missão era de outro tipo, que eu precisaria tentar principalmente mostrar o que significava a fé no mundo de hoje, enfatizar a centralidade da fé em Deus e dar aos seres humanos a coragem de acreditar, coragem para vivê-la concretamente neste mundo. Fé e razão são os valores nos quais reconheci a minha missão e para os quais a duração do pontificado não era importante. (SEEWALD, 2017, p. 28)

Porém, contrapondo-se as expectativas do papa, o seu pontificado foi repleto de polêmicas. Dentre elas está o caso dos Vatileaks, que ocorreu após Paolo Gabriele, até então mordomo do sumo pontífice, vazou documentos confidenciais do Vaticano, que mostravam despesas altas para manter e construir obras de responsabilidade da Santa Sé, ao que foi entendido como valores exorbitantes. Além deste caso, os escândalos de pedofilia por parte de integrantes do clero foram diversas vezes denunciados durante o seu governo, ao que Bento XVI, respondeu com a dispensa de aproximadamente 400 sacerdotes.

Figura 1: Joseph Ratzinger - Papa Bento XVI



Fonte: CNBB

Por fim, aos 85 anos de idade, Bento XVI renúncia, alegando a saúde debilitada como principal motivo. Quando questionado se esse seria motivo suficiente para deixar a *cathedra*, o papa respondeu:

Claro que é possível levantar a suspeita de que seria um equívoco funcionalista. O sucessor de Pedro não é ligado apenas a uma função, mas se enraíza no próprio ser. Nesse sentido, a função não é o único critério. Por outro lado, o papa também precisa fazer coisas concretas, precisa ter sob controle determinadas situações, deve estabelecer prioridades e assim por diante. Começa com visita dos chefes de Estado, visita dos bispos, com os quais deve poder travar realmente uma conversa mais próxima – até as decisões que devem ser tomadas no dia a dia. Mesmo quando se diz que sempre é possível cancelar algumas coisas, ainda restam tantas coisas essenciais que, se se quer assumir a missão de forma correta, uma coisa fica clara: se não existe mais capacidade para tanto, é imperativo – ao menos para mim, outra pessoa pode ver de outra forma – que se libere a *Cathedra*. (SEEWALD, 2017, p. 46)

No livro, “Bento XVI: O último testamento em suas próprias palavras”, quando o papa emérito é questionado se a renúncia não teria banalizado a *cathedra* de Pedro, coloca:

Isso eu precisei levar em conta, e refleti sobre a questão de se, por assim dizer, o funcionalismo não teria conquistado também a instituição papal. Mas já houve uma decisão semelhante entre os bispos. No passado, o bispo também não podia renunciar, e havia uma série de bispos que diziam: Eu sou “pai” e assim permanecerei para sempre. Não se pode simplesmente deixar de sê-lo. Seria imprimir um caráter funcional e secular ao ministério, e transformar o bispo em um funcionário como qualquer outro. A isso é preciso recordar que o papel de pai também acaba. Naturalmente, ninguém deixa de ser pai, mas ele deixa as responsabilidades concretas. Num sentido profundo, íntimo, ele continua sendo pai e com uma relação e uma responsabilidade especiais, mas não com as tarefas de pai. E assim também aconteceu com os bispos. (SEEWALD, 2017, p. 50-51)

Durante seu pontificado escreveu quatro encíclicas, sendo a primeira delas, *Caritas in*

veritate, a encíclica mais vendida do mundo até hoje. Além disso, lançou a trilogia “Jesus de Nazaré”, que virou um clássico teológico, sendo publicada em 20 idiomas, com milhões de cópias vendidas, e chegando a 72 países. (SEEWALD, 2017, p. 287). Bento XVI também chegou a conversar com diversos políticos, tais como Barack Obama e Fidel Castro, respectivamente à época presidentes dos Estados Unidos e de Cuba.

Atualmente Bento XVI leva uma vida de monge no mosteiro Mater Ecclesie, localizado no Vaticano, convivendo com cerca de cinco pessoas, e recebendo poucas visitas. O papa emérito não tem a intenção de escrever mais livros, e já se encontra com uma saúde muito debilitada. (SEEWALD, 2017, p. 30)

3 A RENÚNCIA PAPAL E SUA REPERCUSSÃO EM PESQUISAS ACADÊMICAS E NA COBERTURA JORNALÍSTICA

Neste capítulo iremos discutir os trabalhos acadêmicos relacionados a renúncia de Bento XVI. Em seguida, vamos observar e analisar a cobertura deste evento histórico nas revistas Carta Capital e Veja. A análise das produções do meio acadêmico proporcionará um panorama geral sobre o tema, suas contribuições e possíveis lacunas que ainda podem ser exploradas em pesquisas futuras. Já a análise dos referidos meios jornalísticos tem o objetivo de observar como o fato foi recebido e enunciado naquele momento histórico.

3.1.1 Como o assunto é tratado nos trabalhos acadêmicos

Com o objetivo de identificar o estado da arte buscamos trabalhos ligados à linha temática e teórico-metodológica do nosso trabalho, tendo como referência metodológica de pesquisa o livro “Pesquisa em Comunicação: Metodologias e Práticas Acadêmicas” de Cláudia Peixoto de Moura e Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2016), que divide a elaboração do estado da arte em uma série de etapas, que consistem em fazer uma primeira pesquisa exploratória plataformas, sites e repositórios para observar quem está trabalhando com o tema, a partir de palavras-chave pré-selecionadas; fazer uma leitura exploratória, identificando também os autores mais citados, e registrar o fruto dessa pesquisa em um relatório com a finalidade de comparar os resultados obtidos.

Desse modo, elegemos como palavras-chave: Bento XVI, Igreja Católica, Renúncia, Análise do Discurso e como ferramentas de pesquisa, utilizamos as plataformas: Catálogo de Teses e Dissertações, Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações, Compós, Google Acadêmico e Portal da CAPES.

Foram pesquisados artigos, teses e dissertações publicados nos portais citados anteriormente com a palavra chave “Bento XVI”. Dos resultados, apenas quatro traziam análise do discurso como metodologia, sendo três dissertações e um artigo. Dessa forma, não foi encontrada nenhuma tese que trouxesse como referência Bento XVI e análise do discurso. Encontram-se em anexo ao final deste trabalho os gráficos correspondentes a essa pesquisa nos portais do Catálogo de Teses e Dissertações, Google Acadêmico, Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações. Nos Anais da COMPÓS, foram procurados materiais, tanto nas revistas, quanto nos GTs, com a palavra-chave “Bento XVI” e “Joseph Ratzinger”, porém nenhum trabalho foi encontrado. Já no da CAPES nenhum trabalho novo ou diferente dos publicados nos portais já citados.

Dos trabalhos encontrados com base teórico-metodológica da análise do discurso, um trata sobre o jornal brasileiro Folha de São Paulo, em uma dissertação, com o título “A imagem do Papa Bento XVI na imprensa brasileira: a cobertura da Folha de S. Paulo sobre a pedofilia”. Escrito por Marcello Zanluchi Surano Simon, o estudo articula Análise do Discurso e as Teorias do Jornalismo e da Notícia, buscando compreender a produção das notícias no periódico e se os casos de pedofilia atribuídos a integrantes do clero que se tornaram públicos durante o pontificado de Joseph Ratzinger tiveram influência no modo como o jornal analisado falou sobre o líder católico.

Outro trabalho que recorreu a análise do discurso foi realizado por Nanci Moreira Branco, também como dissertação, no qual deu relevância em sua análise às contribuições teóricas de Mikhail Bakhtin, sobretudo os conceitos de dialogismo e ideologia. A publicação de nome “O dialogismo e a construção de sentido nas cartas encíclicas do papa Bento XVI”, não leva em conta veículos jornalísticos, mas sim analisa documentos oficiais escritos pelo próprio papa sob a perspectiva das teorias de Bakhtin.

A última dissertação encontrada com esta linha metodológica tem por título: “Entre o

céu e a terra: Uma análise comparada das viagens de Bento XVI e Francisco”, e foi realizada por Davi Arão e Elias Cardoso. O trabalho, além de análise do discurso, promove uma análise comparativa da mudança de rumo ocorrida no período entre 2005 e 2019, levando como importantes linhas teóricas os pensamentos de Diarmaid MacCulloch, Marco Politi, Andrea Tornielli e Georges Suffert. Esta pesquisa elucida dinâmicas que envolvem o catolicismo na contemporaneidade, tendo por contexto a secularização religiosa vivida no ocidente e a personalidade dos dois papas. A análise do discurso não é o foco do trabalho, porém os autores fazem observações sobre as falas proferidas pelos sumos pontífices em viagens internacionais, com o objetivo demonstrar a relação destas com seus respectivos interesses e cosmovisões.

O único artigo científico que trata da questão leva por título “A Espetacularização da Renúncia de Bento XVI: Relações de Poder e a (des) ordem”, elaborado por Éderson Luís Silveira e Wilder Kleber Fernandes de Santana, fruto da pesquisa fundamentada em teorias de Michel Foucault para a análise do discurso. Assim, busca compreender as relações de poder construídas no discurso, tendo por *corpus* do trabalho três charges.

Diferente das pesquisas citadas, este trabalho tem um foco exclusivo na renúncia do papa Bento XVI, buscando compreender os significados construídos pelos enunciadores jornalísticos Carta Capital e Veja. Observando como veículos trataram o fato, queremos analisar a visão desses portais e o que consideraram relevante informar ao público, compreendendo a relação entre o contexto histórico e o discurso jornalístico.

3.1.2 Análise quantitativa da cobertura jornalística da renúncia

A renúncia do Papa Bento XVI possui duas datas importantes: quando anunciou sua saída do pontificado para um grupo de cardeais, e comunicado nas rádios oficiais do Vaticano, no dia 11 de fevereiro de 2013, e sua oficialização, em 28 de fevereiro do mesmo ano.

Para a análise, foram escolhidos dois veículos jornalísticos brasileiros em seus portais online: A Carta Capital e a Veja, tendo em vista suas diferentes linhas editoriais e seu estilo de reportagem, que é mais aprofundado, detalhado e analítico, como é comum ao jornalismo de revista. Para a análise, foram escolhidas as três primeiras matérias publicadas no dia que o papa emérito anunciou sua renúncia. Isso aconteceu com a finalidade de observar o

comportamento imediato desses dois meios.

Para questão de análise e favorecer pesquisas sobre o tema, também foram tabuladas, e colocadas como anexo, as matérias publicadas no portal na Veja e da Carta Capital no período de sede vacante e no momento referente a eleição e entronização¹ do Papa Francisco. Ao todo, sessenta e três matérias foram publicadas nesses portais no período, o que evidencia o impacto do acontecimento naquele momento histórico, que ultrapassa os limites da Igreja Católica.

3.1.3 Metodologia de busca

Para encontrar as matérias relacionadas ao tema, foi utilizada um mecanismo de busca avançada do google, no qual adicionamos as palavras-chave do veículo de notícia, no caso, "Veja" ou "Carta Capital" com a palavra-chave "Papa" e "renúncia", com o mecanismo de "after:" e "before:" do google, no qual é possível localizar o que foi publicado no período definido.

3.1.3.1 Renúncia: 11 de fevereiro de 2013 a 28 de fevereiro de 2013

3.1.3.1.1 Veja

Sobre a renúncia, foram publicadas oito matérias, sendo duas em editorial. Destas, três foram publicadas no dia do comunicado para os cardeais.

Quadro 1 - Veja: Renúncia

Título	Autor	Link	Data
Autoridades internacionais comentam a renúncia do papa	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/autoridades-internacionais-comentam-a-renuncia-do-papa/	11/02/2013
Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/confira-o-video-em-que-o-papa-bento-xvi-anuncia-renuncia/	11/02/2013
Conheça outros papas que renunciaram antes de Bento XVI	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/conheca-outros-papas-que-renunciaram-antes-de-bento-xvi/	11/02/2013
Saiba onde Bento XVI ficará depois de deixar	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/saiba-onde-bento-xvi-ficara-depois-de-deixar-papado/	13/02/2013

¹ Elevar ao trono. O termo é utilizado nesse contexto para marcar a adesão oficial ao cargo.

papado			
‘Cansaço físico é apenas a moldura da decisão do papa’	Gabriela Loureiro	https://veja.abril.com.br/mundo/cansaco-fisico-e-apenas-a-moldura-da-decisao-do-papa/	14/02/2013
Os primeiros papas não eram papas	Sérgio Rodrigues	https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/os-primeiros-papas-nao-eram-papas/	16/02/2013 atualizado em 31/07/2020
Cardeal britânico renúncia e não participará de conclave	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/cardeal-britanico-renuncia-e-nao-participara-de-conclave/	26/02/2013
Igreja decide o óbvio: Bento XVI continua papa, mas “emérito”	Reinaldo Azevedo	https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/igreja-decide-o-obvio-bento-xvi-continua-papa-mas-emerito/	26/02/2013 atualizado em 31/07/2021

Fonte: Gonçalves, 2022

3.1.3.1.2 Carta Capital

Foram publicadas treze matérias, sendo seis no dia do comunicado do comunicado para os cardeais. Nenhuma desta teve a autoria divulgada.

Quadro 2 - Carta Capital: Renúncia

Título	Autor	Link	Data
Profissão de fé	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/cultura/profissao-de-fe/	21/02/2013
Papa pede ‘renovação’ da Igreja antes de renúncia histórica	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/papa-pede-renovacao-da-igreja-antes-de-renuncia-historica/	14/02/2013
Bento XVI pode surpreender nos soberanos 15 dias finais	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/bento-xvi-pode-surpreender-nos-soberanos-15-dias-finais/	14/02/2013
Eleição do novo Papa pode ser antecipada	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/eleicao-do-novo-papa-pode-ser-antecipada/	16/02/2013
Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/sociedade/papa-bento-xvi-renunciara-em-28-de-fevereiro/	11/02/2013
Se não está fácil para o papa...	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/se-nao-esta-facil-para-o-papa/	11/02/2013
“Bento XVI nunca foi o papa da mudança”	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/bento-xvi-nunca-foi-o-papa-da-mudanca/	11/02/2013
Pressões políticas podem ter influenciado Bento XVI	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/pessoas-politicas-podem-ter-influenciado-bento-xvi/	11/02/2013
‘É um teólogo brilhante’, diz CNBB	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/sociedade/e-um-teologo-brilhante-diz-cnbb/	11/02/2013
Líderes mundiais comentam renúncia de Bento XVI	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/lideres-mundiais-comentam-renuncia-de-bento-xvi/	11/02/2013
Entenda como será a eleição do próximo papa	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/entenda-como-sera-a-eleicao-do-proximo-papa/	12/02/2013

Quem são os favoritos para substituir Bento XVI?	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/quem-sao-os-favoritos-para-substituir-bento-xvi/	12/02/2013
Bento XVI pede o fim das rivalidades dentro da Igreja Católica	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/bento-xvi-pede-o-fim-das-rivalidades-dentro-da-igreja-catolica/	13/02/2013

Fonte: Gonçalves, 2022

4 ANÁLISE DO DISCURSO DE VEJA E CARTA CAPITAL

Neste capítulo iremos realizar uma análise do discurso das três primeiras matérias publicadas nos portais das revistas Veja e Carta Capital sobre a renúncia papal, correspondentes ao período de 11 de fevereiro de 2013 a 28 de fevereiro de 2013. As notícias serão apresentadas em forma de prints de seus portais oficiais, e, de forma alternada em cada revista. Isso tem o objetivo enriquecer a análise, trazendo um olhar comparativo sobre as matérias publicadas em ordem cronológica. Optou-se pela análise das três primeiras matérias de cada veículo por considerar-se que são suficientes para compreensão das posições assumidas por cada um deles, segundo a linha editorial expressa em seus produtos/processos enunciativos-discursivos. Ao final deste trabalho foram anexadas as matérias completas, em forma de capturas de tela.

4.1 Teoria e Metodologia

Parta-se, aqui, do pressuposto de que um discurso se constrói em um contexto sócio-histórico-ideológico como processo que se materializa através da linguagem em funcionamento, onde interagem sujeitos e sentidos e onde também se estabelecem relações de forças e de poder (Orlandi, 2015). De modo que, analisar o discurso jornalístico é buscar compreender o trabalho simbólico da linguagem que se dá numa relação indissociável entre o social e o linguístico.

A autora em referência afirma que o discurso é “palavra em movimento” (ORLANDI, 2015, p. 13), no qual “para encontrar regularidades na linguagem, o analista do discurso relaciona a linguagem e sua exterioridade” (ORLANDI, 2015, p. 14). Tal exterioridade leva em consideração que o sujeito, ao construir seu discurso através da linguagem, é interpelado ideologicamente, ainda que não tenha consciência disso. Logo, o discurso é esse espaço em que se observa a relação entre língua e ideologia (ORLANDI, 2015, p. 15).

Nesse sentido, Orlandi explica que, para a análise do discurso, faz-se uma abordagem que diverge da concepção de um emissor, que envia ao receptor uma mensagem direta, formulada em algum código comum, referindo a algum elemento da realidade. O que acontece, segundo o ponto de vista da autora, é que um enunciador que interage com um interlocutor, interpreta um fato social, através da sua língua e ideologia, num determinado

contexto sócio-histórico, e o interlocutor também interpreta esse mesmo fato, construindo-se, portanto, uma relação de sentidos no texto. Assim, a produção e a interpretação de um texto vão além do que é exposto em palavras, mas também passam por uma relação com a memória e com o que é dito e o não-dito, uma vez que os sentidos não estão só nas palavras, mas também nas margens do dizer (ORLANDI, 2015, p. 29).

É dessa posição teórico-metodológica, com base em Orlandi (2015), que se compõe nosso dispositivo teórico analítico, tratando, portanto, o jornalismo como discurso, conforme conceito há pouco explicitado. Isso significa dizer as noções tradicionais de imparcialidade e objetividade, tão caras ao jornalismo, não se sustentam, porque, como discurso, o jornalismo não apenas “mostra” a realidade e/ou “revela os fatos”, mas, na verdade, os interpreta, comenta e toma posição, ainda que as definições de políticas editoriais tentem dizer o contrário e o modo de construção do texto jornalístico tente se despir de termos ou formas linguísticas que sugiram tomada de posição em relação aos fatos.

A análise do discurso jornalístico vai além do que supostamente o texto diz ou quis dizer segundo o texto, precisa passar dessa superfície textual (corpus bruto) e ir até o objeto discursivo, mostrando o trabalho da ideologia, seus efeitos, e como se materializa na língua. Isso é possível analisando não somente o contexto imediato, ou seja, sujeito, situação, e sua relação com a memória, mas também o lugar, sujeitos, tempo, suporte material e o contexto sócio-histórico-ideológico (sociedade, poder e hierarquias).

Neste processo é fundamental o estudo dos dados conhecidos sobre aquele tema escolhido para análise, no caso aqui, a renúncia do papa Bento XVI, a sistematização, tratamento e compressão do objeto. Esse ponto já foi contemplado quando apresentamos nos capítulos anteriores o funcionamento das instituições hierárquicas da Igreja Católica bem como uma breve biografia do papa emérito Bento XVI.

Agora, agregando saberes sobre a Igreja e o papa, a renúncia do papa e análise do discurso, temos o dispositivo analítico definido, para seguimos para o *corpus*, as matérias jornalísticas publicadas. No texto jornalístico, como os objetos que iremos observar, é comum o uso de polifonia, recurso de linguagem que coloca diferentes vozes num mesmo texto, não somente a do enunciador. Para a análise também é necessária a identificação dos grupos semânticos organizadores, verificando as marcas de funcionamento e propriedades do

discurso, sua estruturação e características fundamentais. Como defende Eni P. Orlandi:

A análise do discurso não está interessada no texto em si como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. O trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto (e a da língua na ideologia). Isso corresponde a saber como o discurso se textualiza. (ORLANDI, 2015, p.70)

Dessa forma, acreditamos que seja possível compreender a formulação do texto e as suas margens do dizer, uma vez que “a língua não se dá como evidência, mas se oferece como local de descoberta”. (ORLANDI, 2015, p. 94). Isso significa que não iremos trabalhar apenas com o que os textos dizem ou querem dizer, mas como o discurso se constitui a partir dos textos em relações de sujeitos e de sentidos numa conjuntura social, histórica e ideológica em que age e interage o jornalismo.

4.2 A primeira matéria da Veja e da Carta Capital

4.2.1 Veja: “Autoridades internacionais comentam a renúncia do papa”

A primeira matéria da Veja sobre a renúncia de Bento XVI contou com uma coleta de relatos de líderes políticos e religiosos sobre a decisão do papa.

Figura 2: Veja - Matéria 1 – Título

Mundo
**Autoridades internacionais comentam a renúncia
do papa**

Em comunicado, Bento XVI anunciou que renunciará ao pontificado em 28 de fevereiro devido à idade avançada

Por Da Redação 11 fev 2013, 09h25

Fonte: Veja

O título "Autoridades internacionais comentam a renúncia do papa", deixa evidente que a relevância dessas personagens que sustentarão o texto. Repleto de polifonia, a questão hierárquica fica explícita ao longo na narrativa, na qual as figuras de poder são colocadas com o mesmo prestígio social do papa emérito. Mesmo se assemelhando politicamente com Bento XVI, existe uma certa complacência e respeito implícitos em suas falas, algo que pode ser dado à autoridade religiosa deste.

Figura 3: Veja - Matéria 1 – Primeiro parágrafo

Diversas autoridades ao redor do mundo se manifestaram após o papa Bento XVI, de 85 anos, ter anunciado, nesta segunda-feira, que **renunciará ao pontificado** em 28 de fevereiro deste ano. O primeiro-ministro italiano, Mario Monti, afirmou, durante um congresso em Milão, que está “muito alterado” pelo anúncio e que não estava ciente sobre a decisão do papa. “Soube dessa notícia há um minuto”, disse. Segundo o primeiro-ministro, ele não tem o poder de comentar se essa renúncia pode ou não alterar a relação entre o governo da Itália e o Vaticano. O presidente italiano, Giorgio Napolitano, considerou que trata-se de um ato “de grande coragem e generosidade” e que merece ser respeitado.

Fonte: Veja

No primeiro parágrafo da matéria são ressaltadas as falas e opiniões de Mario Monti, primeiro-ministro italiano e de Giorgi Napolitano, então presidente italiano. Isso se deve às relações políticas diretas e constantes que estes possuíam com o Papa Bento XVI, uma vez que este, além de líder espiritual da religião católica, era chefe de estado do Vaticano. Também é possível observar uma relação de contraste entre o relato de Mario Monti e o de Giorgi Napolitano. O primeiro, apresenta-se de uma forma emocionada, e até não diplomática, pois parece ter dado uma resposta no calor da emoção. Principalmente pela expressão “muito alterado”, e “há um minuto”. Já o segundo, parece não ser pego de forma inesperada e possui uma postura de apoio e suporte sobre o tema, uma vez que “de grande coragem e generosidade” e que merece ser respeitada” denota reconhecimento e admiração de virtude sobre o ato. Da parte do enunciador, colocar duas figuras políticas importantes para o Estado do Vaticano em posições, de certa forma, antagônicas, denota que a renúncia não foi bem aceita em sua totalidade, e que não é algo unânime, passível de divergências. Essa posição, bem como a decisão de colocar a fala desses dois políticos logo no início do texto, também pode ter sido motivada pela função de chefe de Estado que o papa ocupa, não somente de chefe religioso. O próprio contexto geográfico pode ser um fator a influenciar, visto que se trata de dois líderes máximos da Itália.

Figura 4: Veja - Matéria 1 – Segundo, terceiro e quarto parágrafo

O presidente americano, Barack Obama, afirmou na tarde desta segunda que seu “apreço e orações” estão com o papa. “A Igreja tem um papel crítico nos Estados Unidos e no mundo, e eu desejo o melhor àqueles que em breve vão se reunir para escolher o sucessor de Sua Santidade”, escreveu em comunicado.

A chanceler alemã, Angela Merkel, considerou que Bento XVI, que nasceu na Alemanha, tomou uma “decisão difícil” e que deve ser respeitada. “Muitos vão entender que até o papa tem que lidar com o peso da idade”, disse. Merkel ainda elogiou o papel do papa em favor do diálogo entre as religiões Católica, Judaica e Muçumana.

Mais cedo, um porta-voz do governo alemão afirmou que as autoridades políticas do país têm “o mais alto respeito pelo Santo Padre, pelo que ele realizou e por suas contribuições ao longo de sua vida à Igreja Católica. Ele tem sido o líder da Igreja Católica por quase oito anos. Ele deixou uma marca muito pessoal como pensador e líder da Igreja, e também como pastor. Quaisquer que tenham sido as razões para essa decisão, ela precisa ser respeitada.”

Fonte: Veja

O texto segue com o relato de diversas personalidades políticas e religiosas. Presidente dos Estados Unidos da América de 2009 a 2017, Barack Obama é a primeira figura não europeia citada, essa escolha por parte do jornalista vem acompanhada da relevância mundial que Obama possuía no momento, com os EUA configurando uma das principais potências mundiais. Na fala, além de expressar neutralidade sobre a decisão de Bento XVI, o então presidente americano se refere ao papa emérito como “sua santidade”. A expressão comum para se referir ao sucessor da *cathedra* parece não sido escolhida por acaso por Obama, uma vez que se declara protestante, a expressão denota certo ecumenismo, diplomacia e respeito solene de sua parte. Essa hipótese ganha força quando analisamos a segunda fala do ex-presidente, na qual foca no sucessor de Bento XVI, já criando uma ponte e abertura com quem viria a ocupar a *cathedra*.

No terceiro e quarto parágrafo, é colocado o posicionamento da chanceler e de um porta-voz da terra natal de Joseph Ratzinger, a Alemanha. Aqui, percebe-se um olhar mais sentimental e empático, uma vez que busca dar a compreensão sobre a renúncia, como na expressão “até o papa tem que lidar com o peso da idade”. O adendo de Angela Merkel para o diálogo inter-religioso em, “elogiou o papel do papa em favor do diálogo entre as religiões Católica, Judaica e Muçumana” também denota um posicionamento político, uma vez que o islã cresce na Europa. Essa fala sugere, também, uma alusão ao posicionamento do sumo

pontífice durante o seu pontificado, em 2006, quando um pronunciamento seu foi interpretado como relacionando o Islã à violência. Pouco depois, Bento XVI chegou a se desculpar pela declaração, porém muitos muçulmanos continuaram demonstrando revolta através de protestos públicos. Já na fala seguinte, de um porta-voz do governo alemão, ao expressar "quaisquer que tenham sido as razões para essa decisão, ela precisa ser respeitada", há um tom imperativo, que nega possibilidade de questionamentos, como no imperativo "precisa", no entanto, no termo "quaisquer", o porta-voz sugere que pode haver outro motivo que não está exposto e, assim, o termo escolhido para se referir à motivação acaba por colocar em questionamento o que o próprio pontífice expos, e o porta-voz acaba por entrar em contradição.

Figura 5: Veja - Matéria 1 – Quinto e sexto parágrafo

O presidente francês, François Hollande, declarou apenas que a decisão do papa "tem de ser respeitada". David Cameron, primeiro-ministro britânico, destacou que Bento XVI trabalhou "incansavelmente para fortalecer as relações entre Grã-Bretanha e Santa Sé" e afirmou que a visita do papa à Inglaterra em 2010 é lembrada com muito respeito e afeto. "Ele fará falta como um líder espiritual de milhões de pessoas."

Apesar das várias críticas proferidas ao Vaticano nos últimos anos em razão de sua resposta aos escândalos sexuais envolvendo padres na Irlanda, o primeiro-ministro irlandês, Enda Kenny, afirmou que Bento XVI foi uma "liderança forte". "A renúncia é claramente uma decisão tomada após profunda reflexão e oração. Ela reflete o profundo senso de dever do papa com a igreja", disse.

Fonte: Veja

No quinto parágrafo, embora o clima respeitoso seja mantido, observa-se um distanciamento político e religioso na fala do então primeiro-ministro britânico, David Cameron, uma vez que a Inglaterra, possui um posicionamento religioso anglicano bem definido, e marcado historicamente por divergências e conflitos com a igreja católica. Dessa forma, a declaração "incansavelmente para fortalecer as relações entre Grã-Bretanha e Santa Sé", faz referência direta à essa relação fragilizada. Esse distanciamento também fica explícito na fala a seguir, " "Ele fará falta como um líder espiritual de milhões de pessoas", no qual parece não incluir o primeiro-ministro nem a Inglaterra.

No sexto há, pela primeira vez, memória a críticas diretas feitas ao papa. As relações entre Irlanda e Vaticano não eram amistosas, levando o executivo do país a anunciar o fechamento da embaixada na Santa Sé, por supostos motivos econômicos. O posicionamento de Enda Kenny possui um distanciamento da religiosidade que a função papal carrega,

trazendo um olhar “humano”, e fazendo mais referência ao papa do que ao Vaticano ou a religião, focando na personalidade de Joseph Ratzinger e seu papel na igreja.

Até então, nota-se que a linha narrativa da matéria segue uma relação direta com o percurso histórico do papa. Iniciou-se com figuras políticas locais que tem contato constante com a *cathedra* e importância direta com o Estado do Vaticano, em seguida para um dos maiores líderes políticos daquele ano, seguindo para a maior representante da terra natal de Ratzinger, e continuando na Europa, para o presidente francês e um político que enfrentava conflitos públicos com o sumo pontífice, na Irlanda. O restante da matéria segue para comentários segmentados do Brasil, América Latina, Líderes religiosos e do judaísmo.

Figura 6: Veja - Matéria 1 – Sétimo e oitavo parágrafo

Brasil – O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Leonardo Steiner, disse que a notícia da renúncia também foi recebida com surpresa pelos católicos do país. “Surpresa é a expressão para dizer que não esperávamos um gesto tão importante dentro da Igreja, apesar de sabermos que não é o primeiro papa que renuncia. Se dissemos que João Paulo II foi o papa da paz, provavelmente o futuro no dirá que Bento XVI foi o papa do amor. Ele muitas vezes falou da civilização do amor e falou aos jovens da necessidade de amar e de testemunhar a fé como caridade”, disse.

Em nota oficial, a Arquidiocese de Brasília disse que confirmou a informação sobre a renúncia com o o cardeal Dom João Braz de Aviz, diretamente de Roma. “Convidamos toda a Arquidiocese para estar em oração com o Santo Padre nesse momento em que a Igreja mais precisa do seu Pastor”, afirmou o padre José Emerson Barros Cabral, que assina o documento.

Fonte: Veja

No sétimo parágrafo, o enunciador valoriza no Brasil a opinião de um líder religioso conhecido, e não de um líder político, como anteriormente. Neste caso, do ponto de vista simbólico, colocar uma fala do secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tem mais importância do que de um político, uma vez que este representa os fiés católicos brasileiros. A fala de Leonardo Steiner deixa evidente a surpresa com a notícia, porém parece fazer questão de explicar o porquê desse sentimento, em "Surpresa é a expressão para dizer que não esperávamos um gesto tão importante dentro da Igreja". Esta necessidade de explicação parece querer dar ênfase ao seu sentimento, e explicar o sentido de interpretação das suas palavras.

No oitavo parágrafo, percebe-se uma expressão de abandono em "Convidamos toda a Arquidiocese para estar em oração com o Santo Padre nesse momento em que a Igreja mais

precisa do seu Pastor”. A fala do padre José Emerson Barros Cabral é um apelo para oração, apresentando uma causa e uma motivação para a prece. Porém, aqui chama a atenção que, embora o problema seja “nesse momento em que a Igreja mais precisa do seu Pastor” a prece não é para o conclave ou para o papa que será eleito, mas para o Santo Padre (Bento XVI), nisso, nota-se uma esperança de reversão da decisão de Ratzinger.

Neste ponto, é interessante observar a ausência de figuras políticas brasileiras, uma vez que o texto se propõe a colocar a repercussão do fato para autoridades internacionais, e próprio portal ser brasileiro. A ausência de nomes como o da então chefe de estado, Dilma Roussef, e de representantes do seu governo, destoa do padrão da matéria em ouvir figuras políticas internacionais, mas, pelo contrário, silenciou sobre o que diriam, mesmo sendo o Brasil um dos países com maior número de católicos do mundo. Neste ponto, vale observar o contexto brasileiro: tensão política, que culminara nas manifestações em junho de 2013. A ausência da fala de figuras ligadas ao governo nacional pode ter sido feita no intuito de buscar uma certa neutralidade para a matéria, tendo em vista evitar problematizações, ou até por considerar irrelevantes as palavras de políticos brasileiros.

Figura 7: Veja - Matéria 1 – Nono, décimo e décimo primeiro parágrafo

América Latina – O arcebispo de Santiago, dom Ricardo Ezzati, disse que os anos que Bento XVI passou à frente da Igreja Católica foram uma “benção”. “Sua eleição causou-me grande alegria. Acompanhamos com orações agora sua renúncia e invocamos ajuda espiritual para os cardeais que vão eleger um novo papa, para que eles tenham as luzes necessárias para encontrar essa pessoa”, afirmou.

O presidente da Conferência Episcopal da Venezuela (CEV), Diego Padrón, disse que o papa Bento XVI dá “um bom exemplo” ao renunciar. “Ele está mostrando que não é o poder pelo poder. Isso significa que a Igreja não é governada apenas por homens, mas é governado por Cristo”, afirmou.

O arcebispo de Lima, cardeal Juan Luis Cipriani, classificou a decisão do papa como um ato de humildade. “A mensagem que fica é de um homem que coloca o dever de servir a Deus acima de sua própria pessoa. É necessária muita força para tomar essa decisão”, afirmou.

Fonte: Veja

Nos três parágrafos seguintes, os representantes religiosos possuem um olhar mais simbólico para a renúncia, com uma análise que vai além da pessoa de Ratzinger, mas que questiona a interpretação sobre a cathedra. Como no décimo parágrafo “Ele está mostrando que não é o poder pelo poder. Isso significa que a Igreja não é governada apenas por homens, mas é governado por Cristo”, em que Diego Padrón ratifica a questão espiritual do pontificado e despreza o "poder", no enunciado "não é o poder pelo poder". Essa interpretação também é

presente no parágrafo seguinte, quando Juan Luis Cipriani, então arcebispo de Lima, coloca a relação do "dever" e do "servir a Deus". Ao dividir essas duas questões, propõe que elas estariam em divergência com a capacidade do papa, o que fica subentendido em “É necessária muita força para tomar essa decisão”.

Figura 8: Veja - Matéria 1 – Décimo segundo, décimo terceiro e décimo quarto parágrafo

Líderes religiosos – O líder da Igreja Católica na Inglaterra e no País de Gales, o arcebispo Vincent Nichols, declarou que o anúncio do papa foi “chocante e surpreendeu a todos”, mas ressaltou a coragem do pontífice em tomar tal decisão. “O santo padre reconhece os desafios enfrentados pela Igreja e que a força da mente e do corpo é necessária para governar e anunciar o Evangelho. Peço às pessoas de fé para manter o papa Bento XVI em suas orações”, afirmou. Justin Welby, nomeado no fim do ano passado arcebispo de Canterbury, chefe da Igreja Anglicana, afirmou ter recebido a notícia com “o coração pesado, mas totalmente com total compreensão”.

O cardeal da Escócia Keith O'Brien disse que está “chocado e entristecido” com o anúncio. “Eu sei que a sua decisão foi tomada com muito cuidado e veio depois de muita oração e reflexão. Eu vou oferecer minhas orações a Bento XVI e convocar a comunidade católica escocesa para se juntar a mim”. O cardeal também afirmou que espera contar com as orações dos católicos de todo o mundo para os cardeais eleitores que se preparam para ir a Roma “a fim de participar do conclave, que será convocado para eleger um sucessor do papa”.

Tomothy Dolan, cardeal e presidente da Conferência dos Bispos dos Estados Unidos, não poupou elogios ao pontífice: “Ele unificou os católicos e estendeu a mão a grupos separatistas na esperança de trazê-los de volta à Igreja. Ele falou aos pobres do mundo e pregou a paz entre as nações.”

Fonte: Veja

No décimo segundo parágrafo, percebe-se novamente uma participação de representantes ingleses, incluindo o chefe da Igreja Anglicana, que, por sua vez tem uma declaração empática em: “Justin Welby, nomeado no fim do ano passado arcebispo de Canterbury, chefe da Igreja Anglicana, afirmou ter recebido a notícia com “o coração pesado, mas totalmente com total compreensão”. Está insistência em figuras britânicas por parte do enunciador pode ter ocorrido em um intuito conciliatório entre igreja anglicana e católica, dado o conhecimento de problemas históricos na relação das duas igrejas.

No parágrafo seguinte, o enunciador cita a Irlanda, na participação do cardeal Keith O'Brien. Keith revela uma obediência ao sumo pontífice, quando convoca os fiés à mesma postura em “Eu sei que a sua decisão foi tomada com muito cuidado e veio depois de muita

oração e reflexão. Eu vou oferecer minhas orações a Bento XVI e convocar a comunidade”. A Irlanda foi um dos países que, em 2010, teve casos de pedofilia por parte de integrantes do clero expostos. Esses escândalos levaram Bento XVI a redigir uma carta aos fiéis irlandeses no qual demonstra empatia e perturbação com as notícias, e pedia perdão. Aqui, parece haver uma certa retribuição, da parte de Keith O'Brien.

No décimo quarto parágrafo, em “grupos separatistas”, é feita uma referência implícita de Tomothy Dolan aos grupos tradicionalistas da igreja, que lutavam para a conservação da missa tridentina, substituída por um novo rito após o CVII e proibida pelo papa Paulo VI. No entanto, essa decisão gerou um conflito em grupos da igreja, que lutavam para a manutenção do rito em latim. Foi então que Paulo VI permitiu que alguns países o mantivessem, porém os conflitos continuavam surgindo. João Paulo II estendeu a permissão, com ressalvas, para o restante do mundo, mas foi somente com Bento XVI que a questão foi esclarecida, quando o papa redigiu um documento no qual colocava as duas formas de celebração possíveis e em equidade, somente como expressões diferentes da mesma fé. Ao colocar essa fala de Tomothy Dolan, o enunciador faz uma recapitulação que o papado de Joseph Ratzinger focou não somente em questões diplomáticas externas e inter-religiosas, mas em resolver conflitos na própria igreja.

Figura 9: Veja - Matéria 1 – Décimo quinto parágrafo

Judaísmo - O rabino-chefe israelense, Yona Metzger, elogiou Bento XVI, disse que a relação entre Israel e o Vaticano nunca havia sido tão boa e lhe desejou uma boa saúde. “Eu acredito que ele merece muito crédito para o avanço das relações inter-religiosas em todo o mundo e entre o judaísmo, o cristianismo e o islamismo”, disse um porta-voz de Metzger.

Fonte: Veja

Por fim, no último parágrafo, o enunciador decide por dar foco ao judaísmo, na pessoa do rabino-chefe israelense, Yona Metzger. Por parte do enunciador, ter dado o enfoque para a religião judaica pode ter sido motivado por diferentes questões, tanto religiosas, do cristianismo ter nascido dentro do judaísmo, quanto pela história pessoa de Bento XVI, cujo país de origem já viveu crises de antissemitismo, como o próprio regime Nazista, e dele mesmo ter participado da Segunda Guerra Mundial. A fala de Yona, tem o foco no discurso inter-religioso, citando as três maiores religiões do mundo: “Eu acredito que ele merece muito crédito para o avanço das relações inter-religiosas em todo o mundo e entre o judaísmo, o

cristianismo e o islamismo”. Sua fala parece então ser apenas uma motivação do enunciador para comentar sobre a relação de Bento XVI com estas religiões.

4.2.2 Carta Capital: “Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro”

Durante a matéria o enunciador se ateve não somente em anunciar o fato, mas também dar um caráter resumidamente explicativo ao processo, concentrando trechos da carta da renúncia apenas na metade da matéria.

Figura 10: Carta Capital - Matéria 1 – Título

Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro

“Pela idade avançada, já não tenho forças para exercer adequadamente o ministério”, afirmou o pontífice

POR CARTACAPITAL | 11.02.2013 09H06

Fonte: Carta Capital

O título, embora sucinto, carrega duas informações: que o papa anunciou sua renúncia e quando esta saída será oficializada.

Figura 11: Carta Capital - Matéria 1 – Primeiro e segundo parágrafo

O papa Bento XVI afirmou nesta segunda-feira 11 que renunciará em 28 de fevereiro. O anúncio ocorreu em um discurso em latim durante um consistório (reunião de cardeais) do Vaticano.

“O papa anunciou que renunciará a seu ministério às 20h (16h em Brasília) de 28 de fevereiro. Começará assim um período de ‘sede vacante’”, afirmou o padre Federico Lombardi, responsável pela comunicação do Vaticano.

Fonte: Carta Capital

No primeiro parágrafo, é notável uma busca por resumir o fato ao leitor, porém, a inserção do termo “discurso em latim” chama a atenção, afinal, se o jornalista tinha intuito de ser breve, por que fez questão de frisar a forma que o discurso foi feito? Isso se dá, pois, sua forma dá relevância sobre o ato anunciado. O latim é uma língua tradicional na igreja católica, sendo utilizada nas missas no rito antigo (antes da instituição do novo rito litúrgico, após o CVII), ou seja, o seu uso pelo papa, e o adendo do jornalista para o fato, poderiam significar a

importância do comunicado que seria feito. Essa hipótese é confirmada pelo próprio papa emérito, no livro “Bento XVI: o último testamento”, de Peter Seewald, quando é questionado sobre a escolha da língua para a declaração, ao que responde: “algo tão importante assim se faz em latim. Além disso, o latim é uma língua que domino bem, de modo que conseguiria escrever de forma decente. Poderia, obviamente, também escrever em italiano, claro, mas com o risco de deixar passar algum erro.”(SEEWALD, 2017, p.43-44).

No segundo parágrafo temos uma polifonia e a inserção de uma segunda figura, até então não apresentada: Federico Lombardi. Se as mesmas informações ditas por ele, também foram ditas pelo papa na carta, qual seria o motivo de acrescentar a fala do cardeal ao invés da do papa emérito? O sacerdote foi Diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, de 2006 a 2016, ou seja, seu nome já era conhecido dos veículos de comunicação e sua autoridade constatada como um porta-voz do Vaticano. Por uma relação hierárquica presente, o comunicado do papa não precisaria ser confirmado ou aprovado, dessa forma, o fato sendo narrado por Federico Lombardi mostra a repercussão da notícia e sua necessidade de disseminação pelo próprio setor de imprensa do Vaticano.

Figura 12: Carta Capital - Matéria 1 – Terceiro e quarto parágrafo

Bento XVI explicou que não tem mais forças para dirigir a Igreja Católica por causa da idade, 85 anos. “Depois de ter examinado perante Deus reiteradamente minha consciência, cheguei à certeza de que, pela idade avançada, já não tenho forças para exercer adequadamente o ministério petrino”, afirmou o papa em latim diante do Consistório do Vaticano, segundo a tradução divulgada pela Santa Sé.

“Sou muito consciente de que este ministério, por sua natureza espiritual, deve ser executado não apenas com obras e palavras, mas também e em não menor grau sofrendo e rezando”, completou.

Fonte: Carta Capital

No terceiro e quarto parágrafo também há o uso de polifonia, dessa vez, composto de trechos da carta do papa, no qual é apresentada de forma explícita a relação da debilidade física com as funções papais. O fato de enunciar “afirmou o papa em latim diante do Consistório do Vaticano, segundo a tradução divulgada pela Santa Sé”, demonstra a necessidade de provar fidelidade com a fonte.

Figura 13: Carta Capital - Matéria 1 – Quinto parágrafo

“No mundo de hoje, sujeito a rápidas transformações e sacudido por questões de grande relevo para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor tanto do corpo como do espírito, vigor que, nos últimos meses, diminuiu em mim de tal forma que hei de reconhecer minha incapacidade para exercer bem o ministério que me foi encomendado”, confessou Bento XVI. Em um livro, o pontífice chegou a escrever ser, para um papa, “um dever” renunciar, caso não consiga mais exercer as funções exigidas para o posto.

Fonte: Carta Capital

No quinto parágrafo, há uma polifonia marcada também pelo complemento de falas do mesmo enunciador, em contexto e tempos diferentes. Para enriquecer o relato da carta, o enunciador traz uma opinião do papa emérito narrada em outra obra, “em um livro, o pontífice chegou a escrever ser, para um papa, ‘um dever’ renunciar, caso não consiga mais exercer as funções exigidas para o posto”. Tal observação também salienta que a decisão, colocada no trecho anterior, possui um sentido moral.

Figura 14: Carta Capital - Matéria 1 – Sexto, sétimo, oitavo e nono parágrafo

Com a renúncia de Bento XVI, um novo conclave deve ser convocado para substituí-lo já em março. Os cardeais de todo o mundo ficarão reunidos no Vaticano até conseguirem eleger um dos candidatos.

Há muitas especulações de que, pela primeira vez, a Igreja Católica poderia ser chefiada por um não-europeu. Entre os nomes cotados estão o dos brasileiros dom Odilo Pedro Scherer, arcebispo de São Paulo, e João Braz de Aviz, do departamento de Congregações Religiosas do Vaticano. O argentino Leonardo Sandri, do departamento de Igrejas Ocidentais, é outro cotado.

Também de fora da Europa são cogitados os nomes de Peter Turkson, de Gana, e Luis Tagle, das Filipinas. Entre os europeus, o nome mais forte parece ser o do italiano Angelo Scola, arcebispo de Milão.

O anúncio de Bento XVI é praticamente sem precedentes na Igreja Católica. Ele se tornará o primeiro papa a renunciar nos últimos 600 anos. O último foi Gregório XII, que deixou o cargo em 1415.

Fonte: Carta Capital

Os parágrafos seguintes possuem uma linha narrativa similar incluindo as especulações de nomes para o próximo papa.

4.3 A segunda matéria da Veja e da Carta Capital

4.3.1 Veja: “Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia”

A segunda notícia publicada pela Veja, em 11 de fevereiro de 2013, às 10h07, traz uma breve introdução da renúncia papal, com informações pontuais sobre o sumo pontífice, além de colocar sua própria fala completa e transcrita.

Figura 15: Veja - Matéria 2 - Título

Mundo

Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia

Pontífice afirmou que vai deixar o cargo em 28 de fevereiro

Por Da Redação 11 fev 2013, 10h07

Fonte: Veja

No título, o uso do "em que", dá sentido de "referência a algo", ou seja, de que aquele caso que será descrito, já é conhecido do receptor. Sendo a segunda matéria publicada, no portal sobre o assunto, faz-se compreender que o fato já havia sido amplamente anunciado por ele e demais veículos de comunicação. Dessa forma, o portal escolhe trazer o vídeo da renúncia, bem como seu texto transcrito como complemento e diferencial sobre o fato. Essa interpretação ganha valor quando trocamos a ordem da frase, como indicado por Eni Orlandi, em uma reflexão de “presença-ausência” sobre o texto. Caso estivesse escrito: “Papa Bento XVI anuncia renúncia, confira o vídeo”, o fato que estaria em destaque é a renúncia papal, e não o vídeo, como é colocado no título.

Figura 16: Veja - Matéria 2 – Primeiro parágrafo

O papa Bento XVI, de 85 anos, surpreendeu o mundo, nesta segunda-feira, ao anunciar que vai renunciar ao pontificado no próximo dia 28 de fevereiro. Em comunicado, Bento XVI, de 85 anos, afirmou que vai deixar o cargo devido à idade avançada, por “não ter mais forças” para exercer o comando da Igreja Católica e que está “totalmente consciente da gravidade de seu gesto”.

Fonte: Veja

O texto é polifônico, juntando trechos da carta do papa emérito, em citação direta, com a descrição do jornalista. Também é colocada em destaque a surpresa e relevância da notícia, ressaltada na expressão "surpreendeu o mundo".

Outra característica do texto que precisa ser observada são os aspectos subjetivos que fizeram o jornalista escolher determinados trechos da carta para sua descrição do fato. Na matéria, estão em destaque as falas, "não ter mais forças" e "totalmente consciente da gravidade de seu gesto". Ambas excluem as condições físicas descritas pelo papa, no qual se coloca como incapaz de cumprir um bom serviço diante das obrigações da *cathedra*, como no trecho da própria carta "tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado". Dessa forma, os trechos destacados pelo jornalista sugerem a uma fraqueza mais moral do que física. No entanto, na carta papal, os mesmos trechos dão o sentido de zelo e prudência, sobre as funções importantes do cargo que não consegue mais exercer, e que, mesmo assim, precisam ser cumpridas. Podemos verificar isso na análise do discurso da carta de renúncia publicada.

4.3.1.1 A Carta de Bento XVI

Figura 17: Veja - Matéria 2 – Carta de renúncia

“Caríssimos Irmãos,

Convoquei-vos para este Consistório não só por causa das três canonizações, mas também para vos comunicar uma decisão de grande importância para a vida da Igreja. Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idôneas para exercer adequadamente o ministério petrino. Estou bem consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser cumprido não só com as obras e com as palavras, mas também igualmente sofrendo e rezando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado. Por isso, bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, que me foi confiado pela mão dos Cardeais em 19 de Abril de 2005, pelo que, a partir de 28 de Fevereiro de 2013, às 20 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, ficará vacante e deverá ser convocado, por aqueles a quem tal compete, o Conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice.

Caríssimos Irmãos, verdadeiramente de coração vos agradeço por todo o amor e a fadiga com que carregastes comigo o peso do meu ministério, e peço perdão por todos os meus defeitos. Agora confiemos a Santa Igreja à solicitude do seu Pastor Supremo, Nosso Senhor Jesus Cristo, e peçamos a Maria, sua Mãe Santíssima, que assista, com a sua bondade materna, os Padres Cardeais na eleição do novo Sumo Pontífice. Pelo que me diz respeito, nomeadamente no futuro, quero servir de todo o coração, com uma vida consagrada à oração, a Santa Igreja de Deus.

Vaticano, 10 de Fevereiro de 2013.

BENEDICTUS PP XVI”

Fonte: Veja

Como já descrevemos anteriormente, a renúncia papal ocorreu em um encontro habitual do sumo pontífice com um grupo de cardeais, logo, foram tratadas de questões correspondentes a reunião, no caso, as três canonizações. Após esta introdução, Bento XVI fala que suas forças dificultam a vivência das obrigações da *cathedra*, e acrescenta "Estou bem consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser cumprido não só

com as obras e com as palavras, mas também igualmente sofrendo e rezando". Este adendo parece fazer referência a possíveis críticas e questionamento sobre sua renúncia, por ser motivada por questões de saúde, tendo em vista que seu antecessor Papa João Paulo II (hoje, venerado como santo para os católicos), exerceu um dos papados mais longos da história, enfrentando severos problemas de saúde em seus últimos anos.

Em seguida, Bento XVI evoca que as mudanças do mundo exigem uma dinamicidade que suas forças não são capazes de acompanhar. Diante do histórico do seu antecessor e dos demais papas da igreja, o papa emérito parece explicitar aqui que o mundo moderno vive questões nunca enfrentadas na história da humanidade e da igreja, que exigem uma participação ativa e presente.

Mais adiante, no último parágrafo, observamos alguns aspectos importantes, nas entrelinhas, do enunciado: “Agora confiemos a Santa Igreja à solicitude do seu Pastor Supremo, Nosso Senhor Jesus Cristo, e peçamos a Maria, sua Mãe Santíssima, que assista, com a sua bondade materna, os Padres Cardeais na eleição do novo Sumo Pontífice. Pelo que me diz respeito, nomeadamente no futuro, quero servir de todo o coração, com uma vida consagrada à oração, a Santa Igreja de Deus”, aqui, o papa emérito coloca sua submissão e obediência ao papa que seria eleito, e sua não interferência no colégio dos cardeais, que iria elegê-lo.

4.3.2 Carta Capital: “Se não está fácil para o papa...”

A segunda matéria publicada pela Carta Capital, embora não apresente uma autoria definida, possui um tom opinativo, se utilizando de figuras de linguagem e com uma linha política progressista bem definida.

Figura 18: Carta Capital - Matéria 2 – Título



Fonte: Carta Capital

No título da matéria, observa-se uma paráfrase do ditado popular "se não está fácil

para... imagina para...", no qual coloca em tom comparativo uma realidade que não é esperada dificuldades, e outra que se espera, no caso, dando uma hipérbole para o segundo. Ao fazer referência a um ditado popular que remete a ironia, o enunciador evoca a memória discursiva, no qual o seu entendimento completa o sentido do que está implícito. No subtítulo há o uso da metáfora, relacionando com o “espelho” Bento XVI e a modernidade.

Figura 19: Carta Capital - Matéria 2 – Primeiro e segundo parágrafo

Vamos combinar: não está fácil ser papa hoje em dia. Quando Joseph Ratzinger foi escolhido para comandar a Santa Sé, em 2005, as ferramentas que mudariam os canais de interlocução entre o público e as autoridades eram ainda uma novidade. Havia internet, havia uma cobertura intensa do conclave, havia todo tipo de análise de todos os calibres sobre o futuro da Igreja. Mas os impactos das novas tecnologias ainda não faziam estragos (não tão rapidamente) como acontece nos dias de hoje.

Bento 16, sem o carisma do antecessor João Paulo II, tinha nas costas não apenas a missão de estancar a hemorragia de fiéis num tempo de convicções seculares, mas também a de atrair um público jovem cada vez mais conectado, cada vez mais ativo, cada vez menos interessado em verdades inabaláveis. Não foi por outro motivo que o papa aderiu ao Twitter, um púlpito bem diferente daquele a que todos os antecessores, a começar por São Pedro apóstolo, haviam reinado.

Fonte: Carta Capital

Logo na abertura do primeiro parágrafo há uma expressão de familiaridade, presente em “vamos combinar”. O termo remete a um diálogo com o leitor, dando um tom de intimidade. No mesmo parágrafo, ao colocar parênteses em: “mas os impactos das novas tecnologias ainda não faziam estragos (não tão rapidamente) como acontece nos dias de hoje”, o enunciador argumenta através da ironia com um objetivo de ressaltar a diferença entre as duas épocas.

No segundo parágrafo percebe-se um tom opinativo e crítico em “sem o carisma do antecessor João Paulo II”, uma vez que não faz referência a ninguém para expor sua análise, mas sim de impressões próprias. Neste parágrafo também se observa o uso de metáforas, que aqui tem a função de reforçar uma opinião, como em "tinha nas costas", que, no contexto religioso pode ter o objetivo de fazer referência a cruz de Cristo, como na passagem bíblica: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me." Lc 9,23. Assim, a renúncia de Ratzinger remete no texto a um abandono da cruz. Outra metáfora é citada em "estancar a hemorragia de fiéis", fazendo uma alusão da saída de fiéis da

igreja católica. Também existe uma metáfora ao expor as redes sociais como um "púlpito" moderno.

Figura 20: Carta Capital - Matéria 2 – Terceiro e quarto parágrafo

Oficialmente, a renúncia de Joseph Ratzinger é explicada pela saúde debilitada. Há relatos sobre ordens médicas para que evitasse grandes deslocamentos para se poupar. Em livro de memórias, ele já havia manifestado o desejo de deixar o pontificado caso a saúde limitasse sua missão. É uma explicação plausível, dada a idade avançada do sumo pontífice (ele tem 85 anos). Mas há também de se levar em conta a discrepância entre a missão herdada e a capacidade de Bento 16 conduzi-la.

Os canais de interlocução que ora eram anunciados como pontes entre a Igreja e os novos tempos são as mesmas a expor as fraturas de uma instituição combalida. Os inúmeros, incontáveis escândalos sexuais e outros desvios protagonizados por quem detém, supostamente, o monopólio da fé, da bondade e da caridade hoje não permanecem mais de dois minutos debaixo do tapete. As reações também. Não à toa, em seu pronunciamento, o pontífice se mostrou assustado com a velocidade das mudanças pelo mundo. Enquanto isso, a Igreja muda seu percurso na velocidade de um transatlântico: os avós de hoje rezavam a missa em latim, mas os avós de amanhã seguem repetindo orações prontas, como cordeiros passivos em celebrações dominicais de ritos engessados nos quais a lógica e o confronto, tão caros mundo afora,

Fonte: Carta Capital

No terceiro parágrafo há um questionamento subentendido sobre o motivo da renúncia logo no início, com o uso da palavra “oficialmente”, no qual remete que há motivações ocultas não divulgadas. Isso pode ser verificado buscando a “relação de presença-ausência” segundo Eni Orlandi (2015, p.80). Quando tiramos esta palavra no enunciado, e coloca-se “a renúncia de Joseph Ratzinger é explicada pela saúde debilitada”, a questão da saúde não é coloca em dúvida e tratada como fato, porém a palavra “oficialmente”, em vez de ratificar, colocada a motivação divulgada em questionamento. Essa ideia entra em contraste com o termo “explicação plausível”, posto mais adiante, uma vez que a expressão remete a uma certa concessão à motivação exposta pelo papa, no entanto, a ideia da dúvida é sustentada no restante do parágrafo, e reforçada com o uso da adversativa “mas” em “mas há também de se levar em conta”, argumentando que a capacidade de Bento XVI e outros motivos não explicitados também poderiam ter influenciado o feito. Dessa forma, o enunciador não nega que a saúde teve importância sobre a decisão, mas sugere que outras realidades não explicitadas podem ser levadas em consideração.

No quarto parágrafo ocorre uma relação de dúvida similar, no uso do “supostamente” em: “os inúmeros, incontáveis escândalos sexuais e outros desvios protagonizados por quem detém, supostamente, o monopólio da fé, da bondade e da caridade”.

Neste parágrafo, também se percebe a existência de metáfora, como no trecho “as fraturas de uma instituição combalida”, em que o enunciador faz uma relação entre corpo e instituição. Essa associação também é presente em diversos momentos na própria bíblia, quando coloca que Cristo é a cabeça, e a igreja é o corpo: “Ele é a cabeça do Corpo, que é a Igreja; Ele é o princípio e o primogênito dentre os mortos, a fim de que em absolutamente tudo tenha a supremacia.” Colossenses 1, 18. Dessa forma, na alusão do enunciador jornalístico, as “fraturas” seriam as falhas dos fiéis da igreja. Outra metáfora é utilizada na expressão “debaixo do tapete”, que faz alusão ao ditado popular “varrer para debaixo do tapete”, utilizado para expressar quando alguém quer esconder algo. O uso dessa expressão remete que os escândalos estavam ocultos e agora são visíveis. Também há a presença de duas metáforas, em se referir aos católicos como “cordeiros” e em seguida utilizar “entre as paredes de uma igreja”, aludindo as paredes como um cercado para animais.

Figura 21: Carta Capital - Matéria 2 – Quinto parágrafo

O resultado é que, embora conectados a ferramentas atualizadas de comunicação, o papa e sua Igreja seguiram com um velho discurso construído em dogmas e tabus pouco atualizados do século primeiro até aqui. Num mundo que pede igualdade de oportunidades, direitos e deveres, o papa discorria sobre os “perigos” do casamento gay e condenava os avanços que tornaram a humanidade melhor e mais livre em relação a tempos remotos (como a camisinha, a pílula e o desapego às instituições familiares e patriarcais). Não que este anacronismo estivesse ausente em postulados recentes; é que, antes, as tecnologias não permitiam tal assimilação.

Fonte: Carta Capital

No quinto parágrafo é feita uma conclusão dos problemas relatados anteriormente. Esta conclusão denota uma via progressista, que fica evidente ao adjetivar “velho discurso” e “dogmas e tabus pouco atualizados”. Esta ideia é fortalecida pelo uso das aspas em “num mundo que pede igualdade de oportunidades, direitos e deveres, o papa discorria sobre os ‘perigos’ do casamento gay”, uma vez que, se tirássemos a aspas, o sentido geral da frase

ainda seria mantido, porém aqui ela tem a função de salientar e ironizar a utilização dessa palavra pelo próprio papa. O ponto de vista progressista também fica evidente ao relacionar a palavra "avanços" com acontecimentos que "tornaram a humanidade melhor e mais livre em relação a tempos remotos (como a camisinha, a pílula e o desapego às instituições familiares e patriarcais)".

Figura 22: Carta Capital - Matéria 2 – Sexto e sétimo parágrafo

Como o papa relutante de Nanni Moretti, que em seu *Habemus Papam* parecia ter previsto uma fábula sobre o vácuo de liderança do mundo atual, Bento 16 pode ter se dado conta de que sua posição não o tornou imune ao escrutínio humano. Num passado recente, a aura em torno de uma autoridade e seu círculo de asseclas eram barreira protetora diante das demandas e manifestações populares. De longe, nem sempre era possível avistar o tamanho de possíveis encrencas. O exercício de poder era (é?) um exercício de autoilusão até que alguém da rua gritasse que o rei estava nu. Hoje este grito parte de todos os lados e a distância entre reis e súditos praticamente inexistente. Os canais de interlocução criam reações automáticas, assustadoramente rápidas até para nativos digitais. Em outras palavras: aqui se paga o que se fala, o que se escreve. E nunca foi tão fácil descobrir o quanto um líder é amado ou odiado fora do púlpito.

Se em algum momento o papa Bento 16 se perguntou “que rei sou eu”, a internet e outros canais não o deixaram sem respostas, estas que faltam na Bíblia e sobram nas ruas.

Fonte: Carta Capital

No sexto parágrafo, o enunciador cita Nanni Moretti, e seu filme *Habemus Papam*. A obra que conta a história fictícia de um conclave, no qual foi eleito um papa que não estava feliz com a escolha para ocupar o cargo, foi lançada em todo mundo alguns meses antes da renúncia de Bento XVI, e mostrou, de forma irônica, uma desmitificação sobre o papado. Citando o filme, o enunciador compara o personagem principal do filme com Joseph Ratzinger, supondo uma relação entre os dois em “pode ter se dado conta de que sua posição não o tornou imune ao escrutínio humano”. A seguir o autor coloca que o poder daquele que ocupa a *cathedra* é algo meramente ilusório e distante da população, como na metáfora “barreira protetora diante das demandas e manifestações populares”. Tal análise se mantém no enunciado seguinte, em: “O exercício de poder era (é?) um exercício de autoilusão até que alguém da rua gritasse que o rei estava nu”. Aqui, no uso de “era(é?)”, percebe-se que o enunciador quer dar um tom de reflexão para o próprio texto, convidando, assim como no início, o leitor para esse diálogo e conclusão. O uso da expressão “alguém da rua gritasse que o rei estava nu”, remete ao conto popular a A Roupas do Rei. Citar uma história popular como alusão faz uma relação com a memória do receptor, facilitando e aproximando o

entendimento. No mesmo parágrafo ainda há uma paráfrase em “aqui se paga o que se fala”, relacionando o líder religioso e o público.

No último parágrafo, o enunciador volta à relação de Bento XVI com a modernidade, principal alvo de críticas em todo o texto, e em " estas que faltam na Bíblia e sobram nas ruas", resume essa ideia central, no qual a bíblia representaria os "tabus" e "dogmas" citados anteriormente, e as ruas remetem ao clamor popular da atualidade.

4.4 A terceira matéria da Veja e da Carta Capital

4.4.1 Veja: “Conheça outros papas que renunciaram antes de Bento XVI”

A terceira matéria publicada pela Veja apresenta uma revisão histórica de papas que já renunciaram à função, tendo por base o livro Os Papas, de Richard McBrien. Dessa forma, o texto não possui um caráter opinativo, mas sim de mostrar que, embora raro, o papa renunciar não é algo inédito.

Figura 23: Veja - Matéria 3 – Título

Conheça outros papas que renunciaram antes de Bento XVI

Abdicar do pontificado não é fato inédito na história da Igreja, mas o último papa a fazê-lo foi Gregório XII, em 1415

Por Da Redação 11 fev 2013, 10h38

Fonte: Veja

No título, observa-se uma relação com a memória e a história em "outros", que, assim como "renunciaram antes de Bento XVI" remetem a algo que já era conhecido, mas não necessariamente lembrado.

Figura 24: Veja - Matéria 3 – Primeiro e segundo parágrafo

A surpreendente **renúncia do Papa Bento XVI**, de 85 anos, anunciada na manhã desta segunda-feira, não é algo inédito na história da Igreja Católica. Segundo Richard McBrien, teólogo e padre americano, autor do livro *Os Papas* (Editora Loyola), inúmeras renúncias foram protocoladas ao longo dos últimos 2000 anos. O autor calcula que seis papas abdicaram, de fato, ao posto máximo do catolicismo – mas outros podem ter sido forçados a renunciar por razões políticas ou territoriais, sobretudo nos primórdios da criação da Igreja.

A primeira renúncia ocorreu em 235 d.C., feita pelo papa Ponciano, quando este estava em exílio na Sardenha e percebeu que jamais seria solto para voltar ao Vaticano. À época, a ilha do Mediterrâneo era conhecida como a “ilha da morte”. O papa Silvério também abdicou da Cátedra de Pedro em 537 d.C., ao ser obrigado pela imperatriz Teodora a se exilar na ilha de Palmária, também no Mediterrâneo. Quando conseguiu voltar ao Vaticano, a imperatriz já havia colocado outro pontífice em seu lugar, o papa Virgílio.

Fonte: Veja

No primeiro parágrafo, o termo “de fato” tem o mesmo sentido de “oficialmente”, dessa forma, o autor dá um sentido e imprecisão histórica sobre os casos que serão relatados, que pode haver mais, que não são conhecidos. Nos dois primeiros parágrafos do texto, percebe-se que o papa é descrito como uma posição de passividade. Embora sempre seja ele que promova a renúncia, como institui o CDC, nestes parágrafos a decisão é descrita mais como fruto influências e pressões externas. Isso também apresenta um papado com maior importância e relevância política do que na atualidade.

Figura 25: Veja - Matéria 3 – Terceiro, quarto e quinto parágrafo

Quase 500 anos depois, em 1009, teve-se notícia de uma nova renúncia: a do papa João XVIII, que abdicou pouco antes de sua morte para viver como monge na basílica de São Paulo, em Roma. O papa Bento IX renunciou em 1045 para beneficiar seu padrinho, João Graciano, que veio a se tornar o papa Gregório VI – mas Bento IX foi reempessoado dois anos depois.

O papa Celestino V, que abdicou em 1234, é erroneamente considerado o primeiro papa a renunciar ao episcopado, segundo o livro de McBrien. Era um administrador ruim para a Igreja, nomeando cardeais diferentes para ocupar os mesmos cargos. Protocolou sua renúncia porque as obrigações da função não lhe permitiam a vida de eremita que almejava.

O último papa a renunciar antes de Bento XVI foi Gregório XII, em 1415. A renúncia foi parte de uma negociação feita no Concílio de Constança, no período do Grande Cisma do Ocidente – uma grande crise religiosa que ocorreu na Igreja Católica de 1378 a 1417. Gregório tinha 90 anos à época e sua renúncia fez com que a crise se estancasse.

Fonte: Veja

No terceiro, quarto e quinto parágrafo nota-se uma inversão da atitude do papa, no qual é colocado de forma mais ativa com relação a sua renúncia. No terceiro parágrafo o enunciador coloca que João XVIII abdicou para viver como monge, e Bento IX em benefício de um familiar. Sendo por motivação pessoal ou política, a decisão foi feita por escolha própria. O mesmo caso corre na narração dos dois parágrafos seguintes, com Celestino V e com Gregório XII.

Figura 26: Veja - Matéria 3 – Sexto e sétimo parágrafo

Segundo o livro de McBrien, não se tem notícia de um papa que tenha renunciado por motivos de incapacidade física ou mental. Há rumores no Vaticano de que João Paulo II, que morreu em abril de 2005, havia escrito uma carta de renúncia e a deixado com os cardeais para que fosse protocolada caso ele fosse vítima de qualquer tipo de doença que o deixasse incapacitado.

A renúncia de Bento XVI foi tão surpreendente que levou o diretor de redação do jornal italiano *La Repubblica* a escrever: “Veremos uma sucessão de ineditismos. Não há história, literatura, doutrina, sequer uma prática estabelecida à qual se referir. O conclave não ocorrerá depois das exéquias, mas com um papa vivo. Esse conclave deverá se confrontar não somente com a memória do papa, mas com a força de seu pensamento – neste caso um papa teólogo, intelectual.”

Fonte: Veja

No sexto parágrafo é retomada a questão da motivação de renúncia do papa Bento XVI, dessa forma o texto pretende ressaltar ainda mais a motivação como inédita na história. Por fim, no último parágrafo, há uma polifonia, na qual o enunciador traz essa surpresa na fala do diretor do jornal italiano *La Repubblica*. Neste comentário, além de afirmar o feito como inédito, o diretor sugere que a força do papa emérito poderia interferir no conclave em “esse conclave deverá se confrontar não somente com a memória do papa, mas com a força de seu pensamento – neste caso um papa teólogo, intelectual.”, esta dúvida vem do próprio ineditismo do fato, que poderia levar a igreja a também conduzir o processo de conclave de forma nova.

4.4.2 Carta Capital: “Bento XVI nunca foi o papa da mudança”

O texto retrata uma análise do pontificado do Papa Bento XVI, feita pelo jornalista Leandro Beguoci, no qual ressalta que o alemão teve um papel de transição após o marcante pontificado de João Paulo II. O jornalista é apresentado como entrevistado e figura de autoridade, dessa forma a matéria possui polifonia.

Figura 27: Carta Capital - Matéria 3 – Título

MUNDO

“Bento XVI nunca foi o papa da mudança”

Para jornalista que cobriu visita do papa ao Brasil, Ratzinger completou uma transição; o próximo líder agora deverá ter energia para promover eventuais rupturas

POR CARTACAPITAL | 11.02.2013 12H43

Fonte: Carta Capital

O título da matéria é composto de aspas, o que já introduz que o texto apresentará uma entrevista. A escolha específica da fala “Bento XVI nunca foi o papa da mudança”, apresenta um teor sensacionalista, uma vez que, o uso destes termos, no contexto da narrativa, é utilizado para ratificar o pontificado Bento XVI como de transição, no qual não se buscaria grandes alterações, e, utilizado no título fora de contexto, possui uma conotação negativa. Isso pode ser notado ao buscarmos uma relação de presença-ausência, invertendo para o antônimo da frase: “Bento XVI sempre foi o papa da estabilidade”. A ideia do termo do título com o significado real utilizado no corpo do texto, é mais fiel no subtítulo, no qual também é introduzida a autoridade daquele que será utilizado como fonte principal.

Figura 28: Carta Capital - Matéria 3 – Primeiro e segundo parágrafo

Quando Joseph Ratzinger foi proclamado papa Bento XVI, em 2005, estavam evidentes algumas limitações que marcariam a sua missão à frente do Vaticano, entre elas a idade avançada (tinha mais de 75 anos, limite para um bispo se aposentar), a indisposição a grandes viagens e a ausência de apelo midiático sobre as multidões que marcaram o seu antecessor. Estava evidente, sobretudo, que seu pontificado seria de transição, e não de mudanças bruscas, já que durante anos ele foi o mentor intelectual de João Paulo II.

A análise é do jornalista Leandro Beguoci, um dos poucos repórteres brasileiros a acompanhar Bento XVI no voo que trouxe o pontífice ao País em 2007. Durante a cobertura, para a *Folha de S.Paulo*, Beguoci entrou em contato com estudiosos, bispos e interlocutores do Vaticano e se transformou em um dos poucos setoristas em igreja da imprensa nacional. Foi ele, por exemplo, quem descobriu que o cardeal dom Odillo Scherer seria nomeado arcebispo metropolitano de São Paulo naquele ano.

Fonte: Carta Capital

No primeiro parágrafo, o enunciador apresenta Joseph Ratzinger, introduzindo que, desde sua proclamação como papa, a saúde física já apresentava ser um obstáculo para as obrigações da cathedra, utilizando o termo “estavam evidentes”, e o uso do adendo presente nos parênteses “tinha mais de 75 anos, limite para um bispo se aposentar”, deixando em

destaque que, na idade que assumiu, já poderia estar aposentado, o que dá credibilidade para a motivação que levou o papa a renunciar.

No segundo parágrafo é apresentada a fonte que fará a análise. Aqui, há uma preocupação por parte do enunciador em provar a autoridade de Leandro Beguoci para analisar o caso. Isso fica evidente quando o enunciador busca provar a exclusividade deste em momentos como “um dos poucos repórteres brasileiros”, “um dos poucos setoristas” e em “Foi ele, por exemplo, quem descobriu”. Isso ocorre, pois, a formação de Leandro não subentende sua autoridade, o que aconteceria se fosse doutor em teologia, por exemplo. O que dá a validade e importância para a opinião deste é, na verdade, sua experiência e prática com o assunto, por isso se viu a necessidade de apresentá-las, com o intuito de provar a validade da sua análise para o receptor.

Figura 29: Carta Capital - Matéria 3 – Terceiro, quarto e quinto parágrafo

Beguoci pede cautela ao analisar o legado do papa que anunciou a renúncia na segunda-feira 11. Ele lembra que, embora não se esperasse rupturas na condução da Igreja, Bento 16 foi menos conservador que o antecessor em algumas questões pontuais, como, por exemplo, quando nomeou um jesuíta como porta-voz do Vaticano (papel antes delegado a um membro da Opus Dei). Enfrentou também a questão da pedofilia de forma mais clara.

Para o jornalista, o papel de Joseph Ratzinger no pontificado anterior não permite que seja feita uma análise de sua missão à frente da Igreja apenas levando em consideração os últimos sete anos.

“Ratzinger foi o auxiliar mais próximo a João Paulo II em matéria de teologia. Quando se falava de documentos papais, sempre foi ele quem deu a linha. Era um cardeal brilhante, algo que João Paulo não era. Ratzinger foi professor universitário e assumiu como um papa intelectual.”

Fonte: Carta Capital

No terceiro parágrafo, o enunciador jornalístico expressa em um discurso indireto a análise de Beguoci, no qual há uma avaliação comparativa entre Ratzinger e João Paulo II, colocando o primeiro na posição de “menos conservador” com relação ao segundo em questões religiosas e no combate à pedofilia. No quarto e quinto parágrafo há uma referência direta há João Paulo II, colocando que o legado de Joseph Ratzinger não pode ser visto apenas por seu tempo de pontificado, mas como cardeal, e como isso gerou consequências para suas

decisões na *cathedra*. Isso fica evidente quando em “foi professor universitário e assumiu como um papa intelectual”, “professor universitário”, está com uma relação de causa e consequência com “papa intelectual”.

Figura 30: Carta Capital - Matéria 3 – Sexto, sétimo e oitavo parágrafo

E completa: “A missão dele, portanto, não aconteceu em sete anos. No futuro, João Paulo II e ele podem ser lembrados como duas partes do mesmo papado”.

Em seu pontificado, lembra Beguoci, Bento XVI fez poucas mas simbólicas viagens, como ao Brasil, país com o maior número de religiosos católicos do Planeta, e à Turquia, numa tentativa de enviar um apelo simbólico de que promoveria um papado para além da Europa.

Ainda que Bento XVI tenha ficado marcado como um papa recluso em comparação ao antecessor, o jornalista lembra que João Paulo II foi exceção e não a regra na história recente da Igreja ao assumir um peso político considerável em razão do momento histórico de sua escolha – um cenário conturbado em que um religioso polonês teve influência na queda do comunismo.

Fonte: Carta Capital

Os três parágrafos seguintes continuam observando o pontificado de Bento XVI como ligado ao de seu antecessor. Percebe-se aqui também uma opinião otimista sobre as ações de Ratzinger neste período, no qual é apresentado algo factual, que pode ser dado como ruim, porém acompanhado de um adjetivo positivo. Como em “fez poucas” acompanhado de “mas simbólicas viagens” e “ainda que Bento XVI tenha ficado marcado como um papa recluso em comparação ao antecessor”, com “João Paulo II foi exceção e não a regra na história”, colocando que é comum que os papas tenham um comportamento como o de Ratzinger.

Figura 31: Carta Capital - Matéria 3 – Nono, décimo e décimo primeiro parágrafo

Feita essa transição, afirma Beguoci, espera-se agora que o próximo pontífice seja mais jovem e assuma como a energia necessária para de fato dar início a um novo período, como havia feito João XXIII nos anos 1960 ao convocar o Concílio Vaticano II e promover as mudanças mais significativas da Igreja no século XX, entre elas o fim das missas em latim. Coincidência ou não, é possível que a primeira grande viagem do futuro líder da Igreja seja ao Rio de Janeiro, que em julho abrigará a Jornada Mundial da Juventude.

As mudanças, acredita Beguoci, devem ser observadas mais claramente a partir do próximo papa – que, conforme anunciou Ratzinger em sua mensagem, deverá ter energia para operar de dentro para fora. “A Igreja não é um bloco monolítico. O Vaticano é um país com centenas de bispos e milhares de paróquias. Por isso tem que ter energia. Bento 16 fez uma transição. O próximo papa terá um compromisso de maior duração. Isso vamos poder observar com mais calma.”

“Quando você fala com cardeais, você percebe que a noção de tempo é outra. Eles falam em ‘horizonte da eternidade’, sobre coisas de longa duração. O jeito de pensar é bem diferente. Não adianta achar que as coisas são retas”, conclui.

Fonte: Carta Capital

No nono e décimo parágrafo são relatadas expectativas para o próximo papado, que iniciaria um novo período para a igreja, no qual Beguoci prevê mudanças de dentro para fora, para sustentar essa opinião recorre de forma indireta à um trecho da carta de renúncia de Bento XVI. O trecho que parece estar sendo lembrado é "no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito". Beguoci interpreta essa fala como alterações que precisam ser feitas dentro da igreja, e, para isso apresenta a dificuldade de administrar o Vaticano em uma relação de causa e consequência com a disponibilidade física de Bento XVI em: “A Igreja não é um bloco monolítico. O Vaticano é um país com centenas de bispos e milhares de paróquias. Por isso tem que ter energia. Bento 16 fez uma transição. O próximo papa terá um compromisso de maior duração. Isso vamos poder observar com mais calma.”.

No último parágrafo, é apresentado por Beguoci o olhar da igreja sobre a renúncia, representado pelos cardeais. Em "não adianta achar que as coisas são retas", o jornalista ratifica a hipótese que sustenta ao longo do texto, mostrando que há algo também incompreendido e espiritual sobre o ocorrido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bento XVI não foi somente o primeiro papa que renunciou em 600 anos, mas o primeiro pontífice a tomar essa decisão em tempos de internet, podendo ser alvo constante de críticas e julgamentos públicos.

Durante o desenvolvimento deste trabalho e construção das análises foi perceptível que não há mais uma cortina entre os veículos de mídia e as autoridades religiosas, não há uma barreira do "sagrado" que as tornem imunes a críticas e julgamentos. Seguindo sua tradição, a igreja católica teve pouca alteração em sua estrutura base ao longo dos anos, no entanto, seus fiéis mudaram bastante nos últimos séculos e, ainda mais, nas últimas décadas.

Nas matérias analisadas também ocorre uma dissonância ideológica entre a visão conservadora da igreja católica e a ideologia do enunciador jornalístico. Enquanto os veículos jornalísticos parecem ter uma visão mais crítica em relação do Papa Bento XVI, de seu pontificado e da renúncia, as fontes da igreja católica, quando entrevistadas, mantêm uma visão espiritual sobre a decisão do papa, demonstrando cautela e obediência, mesmo não tendo naquele momento plena compreensão do fato.

Para os entrevistados não vinculados à igreja católica, diferente do que é expresso pelos próprios fiéis, há uma valorização maior do papel político do pontífice do que do religioso e espiritual. Enquanto nas figuras religiosas reside uma postura paciente, aguardando os próximos passos, e obediente, não questionando (ou evitando questionar) a decisão, nos outros entrevistados observa-se uma postura diplomática do papel social do pontificado de Joseph Ratzinger, e, em alguns momentos, até crítico, esperando dele uma intervenção na sociedade. Dessa forma, o público-alvo das matérias não parecem ser os fiéis católicos, mas a população, de forma geral.

Como vimos, a função ocupada pelo papa ganha importância não somente pelo papel que realiza, mas sobretudo pela tradição que sustenta a *cathedra*, pelo sumo pontífice ser

reconhecido, de acordo com a doutrina católica, como sucessor de São Pedro, que, por sua vez, foi escolhido por Jesus Cristo. Para os católicos, essa sucessão sacraliza o pontífice. Dessa forma, o enunciador jornalístico não segue e não está submetido a ordem hierárquica em que o pontífice e os católicos estão situados. Desse modo, o discurso jornalístico é o local onde essas duas posições estabelecem uma relação conflito.

Do ponto de vista editorial, a Carta Capital adotou uma posição explicitamente progressista, ligando a ideia de evolução às mudanças da modernidade e criticando o conservadorismo da Igreja Católica. Também neste portal houve um tom mais crítico e informal, isso ficou mais explícito na matéria “Se não está fácil para o papa...”, no qual o enunciador usa de jargões populares, metáforas e comparações para se referir ao papa e questionar posições. O portal também abre espaço para análise do pontificado de Ratzinger, como na matéria “Bento XVI nunca foi o papa da mudança”, posição que não ocorreu nas primeiras matérias da Veja.

Por sua vez, as publicações da Veja possuem um tom mais informativo, que busca reforçar uma posição aparentemente objetivo e imparcial. No entanto, o enunciador inevitavelmente tem no seu discurso a presença da ideologia, ainda que não faça parte de suas intenções, no plano consciente. Na matéria “Autoridades internacionais comentam a renúncia do papa”, por exemplo, há uma série de escolhas subjetivas na decisão das fontes que seriam incluídas, as falas que seriam colocadas, e em que ordem seriam expostas. Escolhas estas que passam por critérios não somente da relevância internacional dos personagens, mas com base na relação entre Bento XVI e os países que representavam.

Logo, a prática da análise discursiva desses dois veículos comprova que, mesmo quando o enunciador se coloca em uma posição mais neutra, diferentes sentidos e posições ideológicas perpassam o discurso de alguma forma. Assim, tomam uma posição diante dos fatos e da realidade.

Pela análise dos títulos, também se conclui que não houve uma preocupação dos portais em noticiar o fato em primeira mão para seus públicos, mas apresentar informações

mais detalhadas do ocorrido, dando a entender que já havia sido conhecido do receptor. Pode-se perceber isso pois há, na maioria das vezes, o ocultamento da informação da renúncia, que é entendida de maneira implícita. Isso pode ter ocorrido pelo próprio gênero revista, que domina estes veículos, no qual se propõe a edições semanais, realizando uma análise dos fatos da semana.

Em geral, também há nas publicações uma certa desconfiança que outros motivos somariam à causa anunciada por Bento XVI na sua renúncia, questionando problemas que Ratzinger enfrentou durante seu pontificado como possíveis agregadores para a decisão.

Por fim, conclui-se que os veículos jornalísticos analisados possuem uma visão crítica da religião, tendo a liberdade de fazer questionamentos sobre a postura do papa que nem mesmo os fiéis representados nas matérias fizeram.

A relevância do tema também é de interesse público, que vai além do público católico visto que as funções do pontífice não estão restritas a liderança da Igreja Católica, mas também exerce um papel de governança sobre o Estado do Vaticano, projetando-se para além do campo religioso, dando ao pontificado uma dimensão política e social, percepção essa que é mais lembrada nas matérias analisadas, do que a perspectiva espiritual.

REFERÊNCIAS

“Bento XVI nunca foi o papa da mudança”
<<https://www.cartacapital.com.br/mundo/bento-xvi-nunca-foi-o-papa-da-mudanca/>>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

A Reforma da Cúria Romana. <<http://cleofas.com.br/a-reforma-da-curia-romana/>>. Acesso em: 07 de setembro de 2022.

ASSUNCAO, Rudy Albino De. **O "Espírito" da modernidade na visão de Joseph Ratzinger - Bento XVI.** Tese (Doutorado). 2016, 320 f. - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Autoridades internacionais comentam a renúncia do papa. <<https://veja.abril.com.br/mundo/autoridades-internacionais-comentam-a-renuncia-do-papa/>>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

BARICHELLO, Eugênia. **A autoria na elaboração de uma tese.** Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2016.

BENTO XVI. **CARITAS IN VERITATE.** 2^a.ed. São Paulo: Paulinas, São Paulo. 2009.

BRANCO, Nanci Moreira. **O dialogismo e a construção de sentido nas cartas encíclicas do Papa Bento XVI.** 2012. 173 f. Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

CARDOSO, Davi Arão Elias. **Entre o céu e a terra: As viagens de Bento XVI e Francisco em perspectiva.** Rever: Revista de Estudos da Religião. São Paulo. V. 22. n.1, p.129-147. Julho, 2022.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4^a. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas,

Loyola, Ave-Maria, 1999.

CÓDIGO de Direito Canônico. 4^a. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 1983.

Como funciona um Conclave?. Youtube, 2013.
<<https://www.youtube.com/watch?v=f5uje7bLMCc>>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

Concílio Vaticano I. Montfort.
<<https://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilios/vaticano1/#s4cap1>>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia
<<https://veja.abril.com.br/mundo/confira-o-video-em-que-o-papa-bento-xvi-anuncia-renuncia/>> Acesso em: 19 de outubro de 2022.

Conheça outros papas que renunciaram antes de Bento XVI. <
<https://veja.abril.com.br/mundo/conheca-outros-papas-que-renunciaram-antes-de-bento-xvi/>>
Acesso em: 19 de outubro de 2022.

Directório para o Ministério Pastoral Dos Bispos. Congregação Vaticano.<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cbishops/documents/rc_con_cbishops_doc_20040222_apostolorum-successores_po.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: A essência das religiões.** 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

Filho, Maurício Nascimento Cruz. **Mídia e igreja católica: cobertura da visita do papa Bento XVI ao brasil no jornal Folha de S. Paulo.** 2009. 182 f. Mestrado em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro.
<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/papa-bento-xvi-renunciara-em-28-de-fevereiro/>>.
Acesso em: 27 de outubro de 2022.

PEREIRA, DOUGLAS AZEVEDO. **A escatologia de Joseph Ratzinger: análises e contribuições**. Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Central

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: Princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes Editora, 2015.

Se não está fácil para o papa... <<https://www.cartacapital.com.br/mundo/se-nao-esta-facil-para-o-papa/>>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

SILVEIRA, Éderson L.; DE SANTANA, W. K. F. **A espetacularização da renúncia de Bento XVI: relações de poder e a (des) ordem do discurso**. Revista de Letras Norte@mentos, [S. l.], v. 14, n. 36, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/7702>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SIMON, Marcello Zanluchi Surano. **A imagem do Papa Bento XVI na imprensa brasileira – A cobertura da folha de S. Paulo sobre a pedofilia**. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013.

The College of Cardinals. Vatican, 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/cardinali_documentazione/cardinali_documentazione_generale_en.html#The%20College%20of%20Cardinals>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

UNIVERSI DOMINICI GREGIS. João Paulo II, 1996. <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_22021996_universi-dominici-gregis.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

ANEXO A – Pesquisa da palavra-chave “Bento XVI” no portal do Catálogo de Teses e Dissertações

Para este site, além da palavra-chave, foram utilizados os filtros de área do conhecimento: "Ciências Humanas" e "Linguística, letras e arte", viabilizando uma maior precisão nos resultados.

Título	Autor	Tipo	Metodologia	Conceito
Fé e Razão: uma relação entre os escritos de Joseph Ratzinger e Bento XVI	Marcia Koffermann	Dissertação	Análise comparativa do conceito de fé e cultura de Papa Bento XVI, antes e depois do papado.	Fé e razão para Joseph Ratzinger
O "Espírito" da modernidade na visão de Joseph Ratzinger - Bento XVI	Rudy Albino de Assunção	Tese	Sociologia do catolicismo a partir de Max Weber e hermenêutica de Ratzinger (Bento XVI)	Análise da emergência da modernidade em contraste com a análise weberiana
A imagem do Papa Bento XVI na imprensa brasileira: a cobertura da Folha de S. Paulo sobre a pedofilia	Marcello Zanluchi Surano Simon	Dissertação	Análise de como o jornal Folha de S. Paulo apresenta a imagem do Papa Bento XVI	Teorias do jornalismo e da notícia e análise do discurso
A escatologia de Joseph Ratzinger: análises e contribuições	Douglas Azevedo Pereira	Dissertação	Evolução do pensamento de Joseph Ratzinger	Análise bibliográfica das homilias de Ratzinger
O pensamento econômico católico e a doutrina social da igreja: as contribuições de Joseph Ratzinger - Bento XVI	Bruno Fernandes Mamede	Dissertação	Análise das encíclicas sociais emitidas entre 1891 e 2009, de Leão XIII a Bento XV, buscando pontos em comum que fundamentem a	Pensamento Econômico Católico e a Doutrina Social da Igreja,

			teoria econômica católica	
--	--	--	---------------------------	--

Fonte: Gonçalves, 2022

ANEXO B – Pesquisa da palavra-chave “Bento XVI” no portal da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações

Título	Autor	Tipo	Metodologia	Conceito
O Magistério de Bento XVI sobre a Vida Consagrada	Ariadini Silva da Cunha	Dissertação	análise de pronunciamentos de Bento XVI sobre a vida consagrada	Pronunciamentos de Bento XVI
O dialogismo e a construção de sentido nas cartas encíclicas do papa Bento XVI	Nanci Moreira Branco	Dissertação	Análise do discurso	Conceitos de Mikhail Bakhtin sobre Dialogismo e Ideologia
A secularização e a fé : diálogo entre José Casanova e Joseph Ratzinger numa perspectiva teológico-pastoral	Aodomar José Wandscher	Dissertação	sistematização bibliográfico-analítica	análise da abordagem de "secularização" nas obra de José Casanova e do alemão Joseph Ratzinger (Bento XVI).

Fonte: Gonçalves, 2022

ANEXO C – Pesquisa da palavra-chave “Bento XVI” e “renúncia” no Google acadêmico

Tendo em vista a amplitude deste canal de busca e com a finalidade de buscar materiais mais alinhados com a temática, além de "Bento XVI", foi acrescentada a palavra-chave "Renúncia". Ao todo, foram encontrados 10.400 resultados. Por questões de viabilidade da pesquisa, e tendo em vista a variedade de conteúdos da plataforma acessada, somente foram verificadas publicações disponíveis até a quinta página de busca. Além disso, foram considerados para análise somente artigos acadêmicos, teses e dissertações.

Título	Autor	Tipo	Metodologia	Conceito
A		Artigo		Michel Foucault

Espectacularização da Renúncia de Bento XVI: Relações de Poder e a (des) ordem do discurso	Éderson Luís Silveira, Wilder Kleber Fernandes de Santana		Análise do Discurso	
O acontecimento renúncia de Bento XVI em jornais de referência	Tatiane Milani, Angela Zamin	Artigo	Análise de Conteúdo	Laurence Bardin Heloiza Herscovitz
A cobertura jornalística da renúncia do Papa Bento XVI no Jornal Nacional e Jornal da Record	Maurício Teófilo	Artigo	Método exploratório	Itania Maria Mota GOMES
O simbolismo ritualístico da igreja católica numa dimensão competitiva e mercadológica: o caso da renúncia de Bento XVI e eleição de francisco	Adriana do Amaral Freire Karla Patriota Bronsztein	Artigo	discurso da ritualística	Filosofia da linguagem e análise
Renúncia papal: uma análise de conteúdo das reportagens de zero hora	Laura Gomes Da Silva Hélio Afonso Etges	Artigo	análise de conteúdo	Análise de três reportagens produzidas pelo enviado especial Rodrigo Lopes do jornal Zero Hora
O modelo News Diamond e o aumento da Resolução Semântica frente à repercussão da renúncia do Papa Bento XVI no G1.com	Jan Alyne Barbosa Thamirys Dias Viana	Artigo	Análise de conteúdo e observação sistemática	Paul Bradshaw
A abdicação do	Mariana Aparecida	Artigo	Análise quantitativa	Violette Morin

Papa Bento XVI e a posse do primeiro Papa latino-americano	de Oliveira Santana			
A saída de bento xvi do vaticano: uma telecerimónia na era de mediatização	Bernardino Dias Frutuoso	Artigo	Análise visual-semiótica da telecerimónia de renúncia do Papa Bento XVI	Conceito de mediatização
Joseph Ratzinger/Bento XVI alerta, explica e exorta: a ditadura do relativismo no mundo atual	Danilo Cortez Gomes Gilberto Aurélio Bordini	Artigo	Análise do pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI no mundo contemporâneo	Papa Bento XVI
Os excessos da identidade: Bento XVI e a questão da tolerância	Homero Santiago	Artigo	Análise dos textos de Bento XVI sobre a temática da identidade de gênero	Papa Bento XVI
Entre o céu e a terra: Uma análise comparada das viagens de Bento XVI e Francisco	Davi Arão Elias Cardoso	Dissertação	Análise comparativa da mudança de rumo ocorrida no período entre 2005 e 2019, e análise do discurso	Diarmaid MacCulloch, Marco Politi, Andrea Torielli, Georges Suffert

Fonte: Gonçalves, 2022

ANEXO D – Veja: Autoridades internacionais comentam a renúncia do papa


BUSCAR 🔍

RADAR
RADAR ECONÓMICO
POLÍTICA
ECONOMIA
SAÚDE
MUNDO
CULTURA
COFA DO CATAR
AGENDA VERDE

Mundo

Autoridades internacionais comentam a renúncia do papa

Em comunicado, Bento XVI anunciou que renunciará ao pontificado em 28 de fevereiro devido à idade avançada

Por Da Redação 11 fev 2013, 09h25

1/79 Papa Bento XVI acena para os fiéis pela última vez da sacada de sua residência de verão em Castel Gandolfo (Tony Gentile/Reuters/VEJA/VEJA)

Diversas autoridades ao redor do mundo se manifestaram após o papa Bento XVI, de 85 anos, ter anunciado, nesta segunda-feira, que **renunciará ao pontificado** em 28 de fevereiro deste ano. O primeiro-ministro italiano, Mario Monti, afirmou, durante um congresso em Milão, que está “muito alterado” pelo anúncio e que não estava ciente sobre a decisão do papa. “Soube dessa notícia há um minuto”, disse. Segundo o primeiro-ministro, ele não tem o poder de comentar se essa renúncia pode ou não alterar a relação entre o governo da Itália e o Vaticano. O presidente italiano, Giorgio Napolitano, considerou que trata-se de um ato “de grande coragem e generosidade” e que merece ser respeitado.

Leia também:

[Vaticano espera anunciar novo papa até fim de março](#)

[Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia](#)

Cronologia: [Antes do papado, fuga dos nazistas e guerra a comunistas](#)

Caio Blinder: [O sucessor favorito na bolsa de apostas](#)

Galeria de imagens: [O papado de Bento XVI](#)

Em Dia: [O pontificado incompleto de Bento XVI](#)

O presidente americano, Barack Obama, afirmou na tarde desta segunda que seu “apreço e orações” estão com o papa. “A Igreja tem um papel crítico nos Estados Unidos e no mundo, e eu desejo o melhor àqueles que em breve vão se reunir para escolher o sucessor de Sua Santidade”, escreveu em comunicado.

A chanceler alemã, Angela Merkel, considerou que Bento XVI, que nasceu na Alemanha, tomou uma “decisão difícil” e que deve ser respeitada. “Muitos vão entender que até o papa tem que lidar com o peso da idade”, disse. Merkel ainda elogiou o papel do papa em favor do diálogo entre as religiões Católica, Judaica e Muçumana.

Mais cedo, um porta-voz do governo alemão afirmou que as autoridades políticas do país têm “o mais alto respeito pelo Santo Padre, pelo que ele realizou e por suas contribuições ao longo de sua vida à Igreja Católica. Ele tem sido o líder da Igreja Católica por quase oito anos. Ele deixou uma marca muito pessoal como pensador e líder da Igreja, e também como pastor. Quaisquer que tenham sido as razões para essa decisão, ela precisa ser respeitada.”

O presidente francês, François Hollande, declarou apenas que a decisão do papa “tem de ser respeitada”. David Cameron, primeiro-ministro britânico, destacou que Bento XVI trabalhou “incansavelmente para fortalecer as relações entre Grã-Bretanha e Santa Sé” e afirmou que a visita do papa à Inglaterra em 2010 é lembrada com muito respeito e afeto. “Ele fará falta como um líder espiritual de milhões de pessoas.”

Apesar das várias críticas proferidas ao Vaticano nos últimos anos em razão de sua resposta aos escândalos sexuais envolvendo padres na Irlanda, o primeiro-ministro irlandês, Enda Kenny, afirmou que Bento XVI foi uma “liderança forte”. “A renúncia é claramente uma decisão tomada após profunda reflexão e oração. Ela reflete o profundo senso de dever do papa com a igreja”, disse.

Brasil – O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Leonardo Steiner, disse que a notícia da renúncia também foi recebida com surpresa pelos católicos do país. “Surpresa é a expressão para dizer que não esperávamos um gesto tão importante dentro da Igreja, apesar de sabermos que não é o primeiro papa que renuncia. Se dissemos que João Paulo II foi o papa da paz, provavelmente o futuro no dirá que Bento XVI foi o papa do amor. Ele muitas vezes falou da civilização do amor e falou aos jovens da necessidade de amar e de testemunhar a fé como caridade”, disse.

Em nota oficial, a Arquidiocese de Brasília disse que confirmou a informação sobre a renúncia com o o cardeal Dom João Braz de Aviz, diretamente de Roma. “Convidamos toda a Arquidiocese para estar em oração com o Santo Padre nesse momento em que a Igreja mais precisa do seu Pastor”, afirmou o padre José Emerson Barros Cabral, que assina o documento.

América Latina – O arcebispo de Santiago, dom Ricardo Ezzati, disse que os anos que Bento XVI passou à frente da Igreja Católica foram uma “benção”. “Sua eleição causou-me grande alegria. Acompanhamos com orações agora sua renúncia e invocamos ajuda espiritual para os cardeais que vão eleger um novo papa, para que eles tenham as luzes necessárias para encontrar essa pessoa”, afirmou.

O presidente da Conferência Episcopal da Venezuela (CEV), Diego Padrón, disse que o papa Bento XVI dá “um bom exemplo” ao renunciar. “Ele está mostrando que não é o poder pelo poder. Isso significa que a Igreja não é governada apenas por homens, mas é governado por Cristo”, afirmou.

O arcebispo de Lima, cardeal Juan Luis Cipriani, classificou a decisão do papa como um ato de humildade. “A mensagem que fica é de um homem que coloca o dever de servir a Deus acima de sua própria pessoa. É necessária muita força para tomar essa decisão”, afirmou.

Líderes religiosos - O líder da Igreja Católica na Inglaterra e no País de Gales, o arcebispo Vincent Nichols, declarou que o anúncio do papa foi "chocante e surpreendeu a todos", mas ressaltou a coragem do pontífice em tomar tal decisão. "O santo padre reconhece os desafios enfrentados pela Igreja e que a força da mente e do corpo é necessária para governar e anunciar o Evangelho. Peço às pessoas de fé para manter o papa Bento XVI em suas orações", afirmou. Justin Welby, nomeado no fim do ano passado arcebispo de Canterbury, chefe da Igreja Anglicana, afirmou ter recebido a notícia com "o coração pesado, mas totalmente com total compreensão".

O cardeal da Escócia Keith O'Brien disse que está "chocado e entristecido" com o anúncio. "Eu sei que a sua decisão foi tomada com muito cuidado e veio depois de muita oração e reflexão. Eu vou oferecer minhas orações a Bento XVI e convocar a comunidade católica escocesa para se juntar a mim". O cardeal também afirmou que espera contar com as orações dos católicos de todo o mundo para os cardeais eleitores que se preparam para ir a Roma "a fim de participar do conclave, que será convocado para eleger um sucessor do papa".

Timothy Dolan, cardeal e presidente da Conferência dos Bispos dos Estados Unidos, não poupou elogios ao pontífice: "Ele unificou os católicos e estendeu a mão a grupos separatistas na esperança de trazê-los de volta à Igreja. Ele falou aos pobres do mundo e pregou a paz entre as nações."

Judaísmo - O rabino-chefe israelense, Yona Metzger, elogiou Bento XVI, disse que a relação entre Israel e o Vaticano nunca havia sido tão boa e lhe desejou uma boa saúde. "Eu acredito que ele merece muito crédito para o avanço das relações inter-religiosas em todo o mundo e entre o judaísmo, o cristianismo e o islamismo", disse um porta-voz de Metzger.

**Texto atualizado às 16 horas*

(Com agências Reuters, EFE e Estadão Conteúdo)

ANEXO E – Veja: Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia

☰ **veja** 🔍

Mundo

Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia

Pontífice afirmou que vai deixar o cargo em 28 de fevereiro

Por Da Redação 11 fev 2013, 10h07

Veja.com



1/79 Papa Bento XVI acena para os fiéis pela última vez da sacada de sua residência de verão em Castel Gandolfo (Tony Gentile/Reuters/VEJA/VEJA)

O papa Bento XVI, de 85 anos, surpreendeu o mundo, nesta segunda-feira, ao anunciar que vai renunciar ao pontificado no próximo dia 28 de fevereiro. Em comunicado, Bento XVI, de 85 anos, afirmou que vai deixar o cargo devido à idade avançada, por “não ter mais forças” para exercer o comando da Igreja Católica e que está “totalmente consciente da gravidade de seu gesto”.

Leia também:

[Antes do papado, fuga dos nazistas e guerra a comunistas](#)

[A repercussão da renúncia em todo o mundo](#)

[O papado de Bento XVI](#)

Assista, abaixo, ao vídeo que mostra o papa Bento XVI anunciando sua saída:

O comunicado de Bento XVI foi publicado no site da Rádio Vaticano e traduzido em 38 idiomas. Confira:

“Caríssimos Irmãos,

Convoquei-vos para este Consistório não só por causa das três canonizações, mas também para vos comunicar uma decisão de grande importância para a vida da Igreja. Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino. Estou bem consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser cumprido não só com as obras e com as palavras, mas também igualmente sofrendo e rezando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado. Por isso, bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, que me foi confiado pela mão dos Cardeais em 19 de Abril de 2005, pelo que, a partir de 28 de Fevereiro de 2013, às 20 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, ficará vacante e deverá ser convocado, por aqueles a quem tal compete, o Conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice.

Caríssimos Irmãos, verdadeiramente de coração vos agradeço por todo o amor e a fadiga com que carregastes comigo o peso do meu ministério, e peço perdão por todos os meus defeitos. Agora confiemos a Santa Igreja à solicitude do seu Pastor Supremo, Nosso Senhor Jesus Cristo, e peçamos a Maria, sua Mãe Santíssima, que assista, com a sua bondade materna, os Padres Cardeais na eleição do novo Sumo Pontífice. Pelo que me diz respeito, nomeadamente no futuro, quero servir de todo o coração, com uma vida consagrada à oração, a Santa Igreja de Deus.

Vaticano, 10 de Fevereiro de 2013.

BENEDICTUS PP XVI”

ANEXO F – Veja: Conheça outros papas que renunciaram antes de Bento XVI



Mundo

Conheça outros papas que renunciaram antes de Bento XVI

Abdicar do pontificado não é fato inédito na história da Igreja, mas o último papa a fazê-lo foi Gregório XII, em 1415

Por Da Redação 11 fev 2013, 10h38

 veja.com

A surpreendente **renúncia do Papa Bento XVI**, de 85 anos, anunciada na manhã desta segunda-feira, não é algo inédito na história da Igreja Católica. Segundo Richard McBrien, teólogo e padre americano, autor do livro *Os Papas* (Editora Loyola), inúmeras renúncias foram protocoladas ao longo dos últimos 2000 anos. O autor calcula que seis papas abdicaram, de fato, ao posto máximo do catolicismo – mas outros podem ter sido forçados a renunciar por razões políticas ou territoriais, sobretudo nos primórdios da criação da Igreja.

Cronologia: [Antes do papado, fuga dos nazistas e guerra a comunistas](#)

A primeira renúncia ocorreu em 235 d.C., feita pelo papa Ponciano, quando este estava em exílio na Sardenha e percebeu que jamais seria solto para voltar ao Vaticano. À época, a ilha do Mediterrâneo era conhecida como a “ilha da morte”. O papa Silvério também abdicou da Cátedra de Pedro em 537 d.C., ao ser obrigado pela imperatriz Teodora a se exilar na ilha de Palmaria, também no Mediterrâneo. Quando conseguiu voltar ao Vaticano, a imperatriz já havia colocado outro pontífice em seu lugar, o papa Virgílio.

Leia também:

[A repercussão da renúncia em todo o mundo](#)

Quase 500 anos depois, em 1009, teve-se notícia de uma nova renúncia: a do papa João XVIII, que abdicou pouco antes de sua morte para viver como monge na basílica de São Paulo, em Roma. O papa Bento IX renunciou em 1045 para beneficiar seu padrinho, João Graciano, que veio a se tornar o papa Gregório VI – mas Bento IX foi reempossado dois anos depois.

Galeria de imagens: [O papado de Bento XVI](#)

O papa Celestino V, que abdicou em 1234, é erroneamente considerado o primeiro papa a renunciar ao episcopado, segundo o livro de McBrien. Era um administrador ruim para a Igreja, nomeando cardeais diferentes para ocupar os mesmos cargos. Protocolou sua renúncia porque as obrigações da função não lhe permitiam a vida de eremita que almejava.

[Confira o vídeo em que o papa Bento XVI anuncia renúncia](#)

O último papa a renunciar antes de Bento XVI foi Gregório XII, em 1415. A renúncia foi parte de uma negociação feita no Concílio de Constança, no período do Grande Cisma do Ocidente – uma grande crise religiosa que ocorreu na Igreja Católica de 1378 a 1417. Gregório tinha 90 anos à época e sua renúncia fez com que a crise se estancasse.

Segundo o livro de McBrien, não se tem notícia de um papa que tenha renunciado por motivos de incapacidade física ou mental. Há rumores no Vaticano de que João Paulo II, que morreu em abril de 2005, havia escrito uma carta de renúncia e a deixado com os cardeais para que fosse protocolada caso ele fosse vítima de qualquer tipo de doença que o deixasse incapacitado.

A renúncia de Bento XVI foi tão surpreendente que levou o diretor de redação do jornal italiano *La Repubblica* a escrever: “Veremos uma sucessão de ineditismos. Não há história, literatura, doutrina, sequer uma prática estabelecida à qual se referir. O conclave não ocorrerá depois das exéquias, mas com um papa vivo. Esse conclave deverá se confrontar não somente com a memória do papa, mas com a força de seu pensamento – neste caso um papa teólogo, intelectual.”

ANEXO G – Carta Capital: Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro

MENU **CartaCapital** EDIÇÃO DA SEMANA LOGIN ASSINE Q

SOCIEDADE

Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro

"Pela idade avançada, já não tenho forças para exercer adequadamente o ministério", afirmou o pontífice

POR CARTACAPITAL | 11.02.2013 09h08



O papa Bento XVI afirmou nesta segunda-feira 11 que renunciará em 28 de fevereiro. O anúncio ocorreu em um discurso em latim durante um consistório (reunião de cardeais) do Vaticano.

"O papa anunciou que renunciará a seu ministério às 20h (16h em Brasília) de 28 de fevereiro. Começará assim um período de "sede vacante", afirmou o padre Federico Lombardi, responsável pela comunicação do Vaticano.

Bento XVI explicou que não tem mais forças para dirigir a Igreja Católica por causa da idade, 85 anos. "Depois de ter examinado perante Deus reiteradamente minha consciência, cheguei à certeza de que, pela idade avançada, já não tenho forças para exercer adequadamente o ministério petrino", afirmou o papa em latim diante do Consistório do Vaticano, segundo a tradução divulgada pela Santa Sé.

"Sou muito consciente de que este ministério, por sua natureza espiritual, deve ser executado não apenas com obras e palavras, mas também e em não menor grau sofrendo e rezando", completou.

"No mundo de hoje, sujeito a rápidas transformações e sacudido por questões de grande relevo para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor tanto do corpo como do espírito, vigor que, nos últimos meses, diminuiu em mim de tal forma que hei de reconhecer minha incapacidade para exercer bem o ministério que me foi encomendado", confessou Bento XVI. Em um livro, o pontífice chegou a escrever ser, para um papa, "um dever" renunciar, caso não consiga mais exercer as funções exigidas para o posto.

Nomes de brasileiros são cotados

Com a renúncia de Bento XVI, um novo conclave deve ser convocado para substituí-lo já em março. Os cardeais de todo o mundo ficarão reunidos no Vaticano até conseguirem eleger um dos candidatos.

Há muitas especulações de que, pela primeira vez, a Igreja Católica poderia ser chefiada por um não-europeu. Entre os nomes cotados estão o dos brasileiros dom Odilo Pedro Scherer, arcebispo de São Paulo, e João Braz de Aviz, do departamento de Congregações Religiosas do Vaticano. O argentino Leonardo Sandri, do departamento de Igrejas Ocidentais, é outro cotado.

Também de fora da Europa são cogitados os nomes de Peter Turkson, de Gana, e Luis Tagle, das Filipinas. Entre os europeus, o nome mais forte parece ser o do italiano Angelo Scola, arcebispo de Milão.

O anúncio de Bento XVI é praticamente sem precedentes na Igreja Católica. Ele se tornará o primeiro papa a renunciar nos últimos 600 anos. O último foi Gregório XII, que deixou o cargo em 1415.

Com informações da AFP e DW

ANEXO H – Carta Capital: Se não está fácil para o papa...

MUNDO

Se não está fácil para o papa...

A era digital parece ter exposto Bento 16 e sua Igreja a um espelho: o anacronismo de sua missão

POR CARTACAPITAL | 11.02.2013 10H34



Vamos combinar: não está fácil ser papa hoje em dia. Quando Joseph Ratzinger foi escolhido para comandar a Santa Sé, em 2005, as ferramentas que mudariam os canais de interlocução entre o público e as autoridades eram ainda uma novidade. Havia internet, havia uma cobertura intensa do conclave, havia todo tipo de análise de todos os calibres sobre o futuro da Igreja. Mas os impactos das novas tecnologias ainda não faziam estragos (não tão rapidamente) como acontece nos dias de hoje.

Bento 16, sem o carisma do antecessor João Paulo II, tinha nas costas não apenas a missão de estancar a hemorragia de fiéis num tempo de convicções seculares, mas também a de atrair um público jovem cada vez mais conectado, cada vez mais ativo, cada vez menos interessado em verdades inabaláveis. Não foi por outro motivo que o papa aderiu ao Twitter, um púlpito bem diferente daquele a que todos os antecessores, a começar por São Pedro apóstolo, haviam reinado.

Oficialmente, a renúncia de Joseph Ratzinger é explicada pela saúde debilitada. Há relatos sobre ordens médicas para que evitasse grandes deslocamentos para se poupar. Em livro de memórias, ele já havia manifestado o desejo de deixar o pontificado caso a saúde limitasse sua missão. É uma explicação plausível, dada a idade avançada do sumo pontífice (ele tem 85 anos). Mas há também de se levar em conta a discrepância entre a missão herdada e a capacidade de Bento 16 conduzi-la.

Os canais de interlocução que ora eram anunciados como pontes entre a Igreja e os novos tempos são as mesmas a expor as fraturas de uma instituição combatida. Os inúmeros, incontáveis escândalos sexuais e outros desvios protagonizados por quem detém, supostamente, o monopólio da fé, da bondade e da caridade hoje não permanecem mais de dois minutos debaixo do tapete. As reações também. Não à toa, em seu pronunciamento, o pontífice se mostrou assustado com a velocidade das mudanças pelo mundo. Enquanto isso, a Igreja muda seu percurso na velocidade de um transatlântico: os avós de hoje rezavam a missa em latim, mas os avós de amanhã seguem repetindo orações prontas, como cordeiros passivos em celebrações dominicais de ritos engessados nos quais a lógica e o confronto, tão caros mundo afora, parecem ignorados entre as paredes de uma igreja.

O resultado é que, embora conectados a ferramentas atualizadas de comunicação, o papa e sua Igreja seguiram com um velho discurso construído em dogmas e tabus pouco atualizados do século primeiro até aqui. Num mundo que pede igualdade de oportunidades, direitos e deveres, o papa discorria sobre os “perigos” do casamento gay e condenava os avanços que tornaram a humanidade melhor e mais livre em relação a tempos remotos (como a camisinha, a pílula e o desapego às instituições familiares e patriarcais). Não que este anacronismo estivesse ausente em postulados recentes; é que, antes, as tecnologias não permitiam tal assimilação.

Como o papa relutante de Nanni Moretti, que em seu *Habemus Papam* parecia ter previsto uma fábula sobre o vácuo de liderança do mundo atual, Bento 16 pode ter se dado conta de que sua posição não o tornou imune ao escrutínio humano. Num passado recente, a aura em torno de uma autoridade e seu círculo de asseclas eram barreira protetora diante das demandas e manifestações populares. De longe, nem sempre era possível avistar o tamanho de possíveis encrascas. O exercício de poder era (é?) um exercício de autoilusão até que alguém da rua gritasse que o rei estava nu. Hoje este grito parte de todos os lados e a distância entre reis e súditos praticamente inexiste. Os canais de interlocução criam reações automáticas, assustadoramente rápidas até para nativos digitais. Em outras palavras: aqui se paga o que se fala, o que se escreve. E nunca foi tão fácil descobrir o quanto um líder é amado ou odiado fora do púlpito.

Se em algum momento o papa Bento 16 se perguntou “que rei sou eu”, a internet e outros canais não o deixaram sem respostas, estas que faltam na Bíblia e sobram nas ruas.

ANEXO I – Carta Capital: Papa Bento XVI renunciará em 28 de fevereiro

MUNDO

“Bento XVI nunca foi o papa da mudança”

Para jornalista que cobriu visita do papa ao Brasil, Ratzinger completou uma transição: o próximo líder agora deverá ter energia para promover eventuais rupturas

POR CARTACAPITAL | 11.02.2013 12H43



Quando Joseph Ratzinger foi proclamado papa Bento XVI, em 2005, estavam evidentes algumas limitações que marcariam a sua missão à frente do Vaticano, entre elas a idade avançada (tinha mais de 75 anos, limite para um bispo se aposentar), a indisposição a grandes viagens e a ausência de apelo midiático sobre as multidões que marcaram o seu antecessor. Estava evidente, sobretudo, que seu pontificado seria de transição, e não de mudanças bruscas, já que durante anos ele foi o mentor intelectual de João Paulo II.

A análise é do jornalista Leandro Beguoci, um dos poucos repórteres brasileiros a acompanhar Bento XVI no voo que trouxe o pontífice ao País em 2007. Durante a cobertura, para a *Folha de S.Paulo*, Beguoci entrou em contato com estudiosos, bispos e interlocutores do Vaticano e se transformou em um dos poucos setoristas em igreja da imprensa nacional. Foi ele, por exemplo, quem descobriu que o cardeal dom Odillo Scherer seria nomeado arcebispo metropolitano de São Paulo naquele ano.

Beguoci pede cautela ao analisar o legado do papa que anunciou a renúncia na segunda-feira 11. Ele lembra que, embora não se esperasse rupturas na condução da Igreja, Bento 16 foi menos conservador que o antecessor em algumas questões pontuais, como, por exemplo, quando nomeou um jesuíta como porta-voz do Vaticano (papel antes delegado a um membro da Opus Dei). Enfrentou também a questão da pedofilia de forma mais clara.

Para o jornalista, o papel de Joseph Ratzinger no pontificado anterior não permite que seja feita uma análise de sua missão à frente da Igreja apenas levando em consideração os últimos sete anos.

"Ratzinger foi o auxiliar mais próximo a João Paulo II em matéria de teologia. Quando se falava de documentos papais, sempre foi ele quem deu a linha. Era um cardeal brilhante, algo que João Paulo não era. Ratzinger foi professor universitário e assumiu como um papa intelectual."

E completa: "A missão dele, portanto, não aconteceu em sete anos. No futuro, João Paulo II e ele podem ser lembrados como duas partes do mesmo papado".

Em seu pontificado, lembra Beguoci, Bento XVI fez poucas mas simbólicas viagens, como ao Brasil, país com o maior número de religiosos católicos do Planeta, e à Turquia, numa tentativa de enviar um apelo simbólico de que promoveria um papado para além da Europa.

Ainda que Bento XVI tenha ficado marcado como um papa recluso em comparação ao antecessor, o jornalista lembra que João Paulo II foi exceção e não a regra na história recente da Igreja ao assumir um peso político considerável em razão do momento histórico de sua escolha – um cenário conturbado em que um religioso polonês teve influência na queda do comunismo.

Feita essa transição, afirma Beguoci, espera-se agora que o próximo pontífice seja mais jovem e assuma como a energia necessária para de fato dar início a um novo período, como havia feito João XXIII nos anos 1960 ao convocar o Concílio Vaticano II e promover as mudanças mais significativas da Igreja no século XX, entre elas o fim das missas em latim. Coincidência ou não, é possível que a primeira grande viagem do futuro líder da Igreja seja ao Rio de Janeiro, que em julho abrigará a Jornada Mundial da Juventude.

As mudanças, acredita Beguoci, devem ser observadas mais claramente a partir do próximo papa – que, conforme anunciou Ratzinger em sua mensagem, deverá ter energia para operar de dentro para fora. "A Igreja não é um bloco monolítico. O Vaticano é um país com centenas de bispos e milhares de paróquias. Por isso tem que ter energia. Bento 16 fez uma transição. O próximo papa terá um compromisso de maior duração. Isso vamos poder observar com mais calma."

"Quando você fala com cardeais, você percebe que a noção de tempo é outra. Eles falam em 'horizonte da eternidade', sobre coisas de longa duração. O jeito de pensar é bem diferente. Não adianta achar que as coisas são retas", conclui.

ANEXO J – Veja: Tabulação das matérias publicadas no período de sede vacante (28 de fevereiro de 2013 até 12 de março de 2013)

Durante este período, foram publicadas quatorze matérias, sendo sete de autoria definida.

Título	Autor	Link	Data
Entre os favoritos para se tornar o novo papa, um brasileiro	Cecília Araújo	https://veja.abril.com.br/mundo/entre-os-favoritos-para-se-tornar-o-novo-papa-um-brasileiro/	12/03/2013
Procura-se um papa que saiba dialogar com o século XXI	Cecília Araújo	https://veja.abril.com.br/mundo/procura-se-um-papa-que-saiba-dialogar-com-o-seculo-xxi/	12/03/2013
Os cardeais se reúnem. E este é o meu candidato a papa!	Reinaldo Azevedo	https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/os-cardeais-se-reunem-e-este-e-o-meu-candidato-a-papa/	4/03/2013 - atualizada em 31/07/2020
Próximo papa deve escolher o nome de Leão XIV	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/proximo-papa-deve-escolher-o-nome-de-leao-xiv/	12/03/2013
Próximo papa deve escolher o nome de Leão XIV	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/proximo-papa-deve-escolher-o-nome-de-leao-xiv/	12/03/2013
Mãe de cardeal austríaco torce para que ele não seja papa	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/mae-de-cardeal-austriano-torce-para-que-ele-nao-seja-papa/	12/03/2013
Fumaça negra avisa que ainda não há um papa eleito	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/fumaca-negra-avisa-que-ainda-nao-ha-um-papa-eleito/	12/03/2013
‘Não existe isso de dois papas’, diz professor de direito canônico	Gabriela Loureiro	https://veja.abril.com.br/mundo/nao-existe-isso-de-dois-papas-diz-professor-de-direito-canonical/	04/03/2013
Costureiro papal espera vestir também próximo pontífice	Gabriela Loureiro	https://veja.abril.com.br/mundo/costureiro-papal-espera-vestir-tambem-proximo-pontifice/	03/03/2013
Vaticano instala chaminé que anunciará eleição do novo papa	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/vaticano-instala-chamine-que-anunciara-eleicao-do-novo-papa/	09/03/2013
Cardeais participam da última reunião antes de conclave	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/cardeais-participam-da-ultima-reuniao-antes-de-conclave/	11/03/2013
Vaticano cobra silêncio de cardeais sobre conclave	Redação	Leia mais em: https://veja.abril.com.br/mundo/vaticano-cobra-silencio-de-cardeais-sobre-conclave/	06/03/2013
‘Não podemos exigir que o papa seja um super-homem’, diz presidente da CNBB	Gabriela Loureiro	https://veja.abril.com.br/mundo/nao-podemos-exigir-que-o-papa-seja-um-super-homem-diz-presidente-da-cnbb/	01/03/2013
Cresce o nome de dom Odilo Scherer para papa. Ou: Por que as esquerdas não querem que isso aconteça? Ou ainda: O que pensa o “papável” brasileiro	Reinaldo Azevedo	https://veja.abril.com.br/mundo/nao-podemos-exigir-que-o-papa-seja-um-super-homem-diz-presidente-da-cnbb/	8/03/2013 atualizado em 31/07/2020

ANEXO K – Carta Capital: Tabulação das matérias publicadas no período de sede vacante (28 de fevereiro de 2013 até 12 de março de 2013)

Foram publicadas quatro matérias, todas no mesmo dia, sendo metade de autoria definida.

Título	Autor	Link	Data
Italiano é favorito a papa nas casas de aposta, Scherer é 3º	Rafael Plaisant Roldão	https://www.cartacapital.com.br/mundo/italiano-e-favorito-a-papa-nas-casas-de-aposta-scherer-e-3o/	12/03/2013
Cardeal decano pede unidade da Igreja em missa antes do conclave	Por Claudia Rahola e Kelly Velasquez	https://www.cartacapital.com.br/mundo/cardeal-decano-pede-unidade-da-igreja-em-missa-antes-do-conclave/	12/03/2013
Clima hostil no Vaticano	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/clima-hostil-no-vaticano/	12/03/2013
O novo papa não modernizará a Igreja	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/o-novo-papa-nao-modernizara-a-igreja-catolica/	12/03/2013

ANEXO L – Veja: Tabulação das matérias publicadas no período entre a eleição e entronização do Papa Francisco (13 de março de 2013 a 19 de março de 2013)

Foram publicadas treze matérias sobre a temática, sendo três no dia da eleição e seis de autoria definida.

Título	Autor	Link	Data
A Embrapa e o Papa	Redação	https://veja.abril.com.br/coluna/radar/a-embrapa-e-o-papa/	13/03/2013 atualizado em 20/07/2020
Missa inaugural do papa Francisco	Redação	https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/missa-inaugural-do-papa-francisco/	19/03/2013 atualizado em 18/07/2016
Próximo papa deve escolher o nome de Leão XIV	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/proximo-papa-deve-escolher-o-nome-de-leao-xiv/	12/03/2013
Bergoglio poderia ter sido eleito papa em 2005	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/bergoglio-poderia-ter-sido-eleito-papa-em-2005/	14/03/2013
Papa Francisco condena escândalos: ‘Vergonha da Igreja’	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/papa-francisco-condena-escandalos-vergonha-da-igreja/	16/03/2013
Por que são os papas “velhos” que renovam a Igreja	Reinaldo Azevedo	https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/por-que-sao-os-papas-8220-velhos-8221-que-renovam-a-igreja/	14/03/2013 atualizado em 31/07/2020
Novo papa pede oração a fiéis e lembra origem argentina	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/novo-papa-pede-oracao-a-fieis-e-lembra-origem-argentina/	13/03/2013
Papa Francisco: ‘Não devemos ceder ao pessimismo’	Redação	https://veja.abril.com.br/mundo/papa-francisco-nao-devemos-ceder-ao-pessimismo/	15/03/2013
Entre os favoritos para se tornar o novo papa, um brasileiro	Cecília Araújo	https://veja.abril.com.br/mundo/entre-os-favoritos-para-se-tornar-o-novo-papa-um-brasileiro/	12/03/2013
Acessível a todos, Francisco é lembrado por sua humildade	Cecília Araújo	https://veja.abril.com.br/mundo/acesivel-a-todos-francisco-e-lemrado-por-sua-humildade/	16/03/2013

Francisco! Enfim, um papa “negro”!	Reinaldo Azevedo	https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/francisco-enfim-um-papa-negro/	13/03/2013 atualizado em 31/07/2020
Por que Francisco será diferente dos outros papas	Cecília Araújo	https://veja.abril.com.br/mundo/por-que-francisco-sera-diferente-dos-outros-papas/	18/03/2013
Nome do papa revela características de seu pontificado	Vivian Carrer Elias e Cecília Araújo	https://veja.abril.com.br/mundo/nome-do-papa-revela-caracteristicas-de-seu-pontificado/	14/03/2013

ANEXO M – Carta Capital: Tabulação das matérias publicadas no período entre a eleição e entronização do Papa Francisco (13 de março de 2013 a 19 de março de 2013)

No período analisado, foram publicadas onze matérias, das quais três foram no dia da eleição. Destas, apenas duas possuem autoria definida.

Título	Autor	Link	Data
Papa Francisco fala sobre perdão e misericórdia no primeiro Angelus	Pol Costa	https://www.cartacapital.com.br/mundo/papa-francisco-fala-sobre-perdao-e-misericordia-no-primeiro-angelus/	17/03/2013
Um jesuíta em pele de Francisco	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/um-jesuita-em-pele-de-francisco/	17/03/2013
Papa diz desejar “igreja pobre para os pobres”	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/papa-diz-desejar-igreja-pobre-para-os-pobres/	16/03/2013
Francisco aos cardeais: “Não nos deixemos ceder ao pessimismo”	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/francisco-aos-cardeais-nao-nos-deixemos-ceder-ao-pessimismo/	15/03/2013
Além da fumaça branca	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/sociedade/alem-da-fumaca-branca/	14/03/2013
Francisco adverte Igreja para risco de se tornar uma ONG	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/francisco-adverte-igreja-para-risco-de-se-tornar-uma-ong/	14/03/2013
Dom Odilo “não tem altura intelectual” para ser papa, diz Leonardo Boff	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/sociedade/dom-odilo-nao-tem-altura-intelectual-para-ser-papa-diz-leonardo-boff/	14/03/2013
Principal autoridade do islã sunita quer melhor relação com Vaticano	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/principal-autoridade-do-islã-sunita-quer-melhor-relacao-com-vaticano/	14/03/2013
Jorge Mario Bergoglio, o papa Francisco	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/jorge-mario-bergoglio-o-papa-francisco-i/	13/03/2013
Novo papa tem histórico de atritos com casal Kirchner	Carta Capital	https://www.cartacapital.com.br/mundo/novo-papa-tem-historico-de-atritos-com-casal-kirchner/	13/03/2013
Buenos Aires e comemoram anúncio de papa argentino	Josefa Suarez	https://www.cartacapital.com.br/mundo/fieis-lotam-catedral-de-buenos-aires-e-comemoram-anuncio-de-papa-argentino/	13/03/2013